



UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECÓ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS (PPGEL)
CURSO DE MESTRADO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS

AMANDA BRUNA FERRONATTO

UM ESTUDO SOBRE *COMO ASSIM* BASEADO EM *CORPUS*

CHAPECÓ
2023

AMANDA BRUNA FERRONATTO

UM ESTUDO SOBRE *COMO ASSIM* BASEADO EM *CORPUS*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), como requisito para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Simone Lúcia Guesser.

CHAPECÓ
2023

À minha mãe, por ter sido o melhor exemplo de mulher que eu poderia ter na vida. Obrigada por ter me incentivado a ser a mulher e a pessoa que sou hoje.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter me dado força e disposição para escrever este trabalho, principalmente quando não via a luz no fim do túnel.

À minha família, especialmente à minha mãe, que nunca mediu esforços para me ver conquistar tudo àquilo que sonhei. Além de sempre me incentivar a estudar e a ser independente. Por isso, só tenho algo a dizer: Conseguimos, mãe!

Ao meu marido, namorado e amigo Everton, que sempre esteve comigo em todos os momentos, me apoiando e incentivando. Obrigada por sempre segurar a minha mão e caminhar comigo para todos os lugares. Saiba que sou eternamente grata por você ter vivido o meu sonho da forma mais humana possível. Amo você.

À minha orientadora, Prof^a Simone Guesser por todas as sugestões e conversas compartilhadas ao longo desse tempo. Obrigada pela disposição e seriedade que conduziu esta pesquisa.

À professora Ani Carla Marchesan, professor Carlos Felipe Pinto, professora Aline Peixoto Gravina e professora Athany Gutierrez, por terem aceitado o convite em participar da banca, pela leitura atenta ao meu trabalho e por todas as contribuições para o desenvolvimento desta dissertação.

À professora Tatiane Macedo Costa que nos auxiliou na compreensão do *corpus Tycho Brahe*, sendo extremamente solícita ao sanar todas as nossas dúvidas em relação às buscas e aos resultados.

Aos meus amigos, Ana Carla e William que, desde a 6^a série, fazem parte da minha vida pessoal e acadêmica. Obrigada por tudo, gente! Amo vocês!

À minha amiga Angela Cristina Lauchzer que foi uma surpresa maravilhosa na minha vida e compartilhou (e ainda compartilha) comigo todas as angústias da pós-graduação e da vida escolar.

A todos os meus familiares e amigos que entenderam a minha ausência nesse período e que me incentivaram a continuar. Em especial, minha sogra Nilva, que nunca mediu esforços para me apoiar e por sempre trazer consigo uma palavra de conforto.

À UFFS e a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoas de Nível Superior (CAPES) por conceder o financiamento de estudos durante o desenvolvimento desta pesquisa de mestrado.

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

, Amanda Bruna Ferronato
UM ESTUDO SOBRE COMO ASSIM BASEADO EM CORPUS / Amanda
Bruna Ferronato . -- 2023.
90 f.

Orientadora: Doutora Simone Lúcia Guesser

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da
Fronteira Sul, Programa de Pós-Graduação em Estudos
Linguísticos, Chapecó, SC, 2023.

1. como assim; sintaxe formal; diacronia; estruturas
interrogativas; corpus tycho brahe. I. Guesser, Simone
Lúcia, orient. II. Universidade Federal da Fronteira
Sul. III. Título.

AMANDA BRUNA FERRONATTO

**UM ESTUDO SOBRE *COMO ASSIM* BASEADO EM
*CORPUS***

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da
Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS como requisito para obtenção do
título de Mestre em Estudos Linguísticos.

Este trabalho de conclusão foi defendido e aprovado pela banca em: 14/04/2023.

BANCA EXAMINADORA



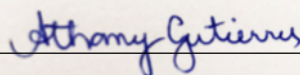
Profa. Dra. Simone Lúcia Guesser –
UFFS Presidente da



banca/orientadora
Prof. Dr. Carlos Felipe da Conceição Pinto - UFBA
Membro titular externo



Profa. Dra. Ani Carla Marchesan –
UFFS Membro titular interno



Profa. Dra. Athany Gutierrez –
UFFS Membro suplente

Chapecó/SC, maio de 2023.

Não importa onde você parou... em que momento da vida você cansou... o que importa é que sempre é possível e necessário “Recomeçar”. Recomeçar é dar uma nova chance a si mesmo... é renovar as esperanças na vida e o mais importante... acreditar em você de novo. (Carlos Drummond de Andrade)

RESUMO

A presente dissertação tem como objetivo apresentar um estudo sobre as interrogativas com *como assim* a partir de dados diacrônicos. Embora pouco estudadas na literatura de sintaxe formal, essas perguntas são muito produzidas em PB e, segundo Guesser *et al* (2020), podem ter 4 tipos de leituras: causa, motivação, elucidativa e de incredulidade. Com esta dissertação, temos como propósito responder a cinco questões: a) quão recente é o uso de estruturas interrogativas com *como assim* no português?; b) do ponto de vista estrutural, o que os dados de *corpora* podem nos dizer sobre a expressão interrogativa *como assim*? Seria essa um sintagma simples, como *o que*, *como etc.*, ou algo mais complexo, derivado de uma expressão como *como isso se deu assim*, na linha do que foi hipotetizado por autores como Collins (1991) para a expressão *how come* do inglês?; c) as produções atestadas em *corpora* confirmam as leituras apontadas para sentenças com *como assim* no estudo experimental de Guesser *et al* (2020)?; d) considerando que os textos analisados contemplam dados do século XVI ao século XXI, haveria fases da história do português em que apenas algumas leituras apontadas por Guesser *et al* (2020) eram veiculadas? e e) há alguma outra leitura veiculada por *como assim* além daquelas apontadas no estudo de Guesser *et al* (2020)? Para respondê-las, tomamos como metodologia a parte teórica, a qual se refere à Teoria Gerativa, além da apresentação dos resultados encontrados por meio de buscas realizadas pelo *corpus tycho brahe*. Ademais disso, nossa investigação também se utiliza dos estudos realizados dentro da Abordagem Cartográfica e os trabalhos de Guesser, Sousa e Kedochum (2019), Guesser e Guesser *et al* (2020). Em seguida, apresentaremos os resultados encontrados. Nestes, percebemos que os dados analisados, referentes ao PB, começam a aparecer a partir do século XVIII. Já os resultados investigados, referentes ao PE, iniciam no século XVI. Ainda, em relação às quatro leituras propostas por Guesser *et al* (2020), encontramos apenas três: elucidativa, causa e incredulidade. Por fim, apresentaremos as nossas considerações finais e as referências utilizadas para a construção desta dissertação.

PALAVRAS-CHAVE: *como assim*; sintaxe formal; diacronia; estruturas interrogativas; *corpus tycho brahe*.

RESUMEN

La presente disertación presenta un estudio sobre las interrogativas con “*como assim*” a partir de datos diacrónicos. Aunque poco estudiadas en la literatura de sintaxis formal, esas preguntas son muy producidas en PB y, según Guesser *et al* (2020), pueden tener 4 tipos de lecturas: causa, motivación, esclarecedora y de incredulidad. Con esta disertación, tenemos como propósito contestar a cinco preguntas: a) ¿cuán reciente es el uso de estructuras interrogativas con *como assim* en portugués?; b) ¿del punto de vista estructural, lo que dicen los datos del *corpora* sobre la expresión interrogativa *como assim*? Sería solo un sitagma simple, como *o que, como, etc.*, o algo más complejo, derivado de una expresión como *como isso se deu assim*, en línea por lo que han dicho autores como Collins (1991) para la expresión *how come* del inglés?; c) ¿las producciones atestadas en *corpora* confirman las lecturas apuntadas para las sentencias con *como assim* en el estudio experimental de Guesser *et al* (2020)?; d) Considerando que los textos analizados contemplan datos del siglo XVI al XXI, ¿habrían fases de la historia del portugués en que solo algunas lecturas señaladas por Guesser *et al* (2020) eran vehiculadas?; e) ¿Hay alguna otra lectura vehiculada por *como assim* además de las señaladas en el estudio de Guesser *et al*?. Para contestarlas, la investigación toma como referencia teórica la Teoría Generativa, en especial los estudios realizados dentro del Abordaje Cartográfico además de la presentación de los resultados encontrados por medio de las búsquedas realizadas por el *corpus tycho brahe*. Aún, nuestro trabajo también se utiliza de los estudios realizados en Abordaje Cartográfico y los trabajos de Guesser, Sousa e Kedochum (2019), Guesser e Guesser *et al* (2020). En seguida, presentamos los resultados encontrados. En estos, percibimos que los datos analizados, referentes al PB, aparecen a partir del siglo XVIII. Sin embargo, los datos del PE surgen en el siglo XVI. Todavía, con relación a las cuatro lecturas propuesta por Guesser *et al* (2020), encontramos solo tres: esclarecedora, de causa y de incredulidad. Por fin, presentaremos a nuestras consideraciones finales y las referencias utilizadas para la construcción de esta disertación.

PALABRAS-CLAVE: “*como assim*”; sintaxis formal; diacronia; estructuras interrogativas; *corpus tycho brahe*.

SUMÁRIO

1	CAPÍTULO 1: REFERENCIAL TEÓRICO.....	3
1.1	A ESTRUTURA FINA DO SISTEMA CP: DE RIZZI (1997) A RIZZI E BOCCI (2017)	3
1.1.1	SOBRE A DEFINIÇÃO DE CP E OS NÚCLEO FORCE E FIN	4
1.1.2	TOP E FOC.....	7
1.1.3	AS CATEGORIAS WHP E INT.....	13
1.1.4	MOD.....	18
1.2	PERGUNTAS-WH	20
1.3	O CRITÉRIO-WH.....	23
1.4	INTERROGATIVAS-WH EM PB	30
1.5	INTERROGATIVAS COM <i>COMO ASSIM</i>	35
1.6	UM ESTUDO DE <i>COMO ASSIM</i> COM DADOS DE CORPORA.....	44
1.7	ESTUDOS DIACRÔNICOS SOBRE O PORTUGUÊS E <i>CORPUS TYCHO BRAHE</i>	46
2.	CAPÍTULO 2: METODOLOGIA.....	49
3.	CAPÍTULO 3 :RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	52
3.1	RESULTADOS.....	52
3.2	DISCUSSÕES.....	71
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	74

INTRODUÇÃO

Esta dissertação se insere no projeto “*Por que e como assim* em português brasileiro: cartografia e experimentação”, desenvolvido no âmbito da Colaboração Técnica que a minha orientadora, a Profa. Dra. Simone Guessser, realizou de agosto de 2020 a agosto de 2022 na UFFS, mais especificamente, no Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos dessa instituição. Tal projeto tem como objetivo descrever e analisar o sistema complementizador do Português Brasileiro (doravante PB), com atenção especial para perguntas-wh com os sintagmas *por que* e *como assim*, ou seja, perguntas que apresentam, na sua semântica, algum tipo de relação causal entre dois eventos. Trata-se de uma investigação sintática que leva em conta aspectos de interfaces, em especial das interfaces da sintaxe com a semântica e a pragmática.

A literatura em linguística formal sobre fenômenos de periferia esquerda é bastante ampla. Dentro dela encontramos relevantes trabalhos sobre interrogativas, os quais contemplam, entre outros aspectos:

- a sintaxe: cf., entre tantos outros, Mioto (1994, 2001, 2003); Kato e Raposo (1996); Kato e Mioto (2005); Braga, Kato e Mioto (2009); Figueiredo Silva e Grolla (2016); Kato, 2019, 2020);
- a diacronia: cf. Lopes-Rossi (1996); Kato e Ribeiro (2009); Kato (2013);
- a aquisição: Grolla (2005); Lessa de Oliveira (2003);
- o processamento: Maia (2014); Oliveira, Maia e França, (2018).

Nessa ampla literatura, porém, poucos são os estudos que têm como foco as perguntas causais como as que contêm *por que* e *como assim*. Entre esses, podemos citar o trabalho experimental de Guessser *et al* (no prelo), sobre a sintaxe de perguntas¹ com *por que* na periferia esquerda e em posição interna a IP, e os trabalhos de Sousa (2018), Guessser, Sousa e Kédochim (2019), Guessser *et al* (2020) e Sousa (2020) sobre perguntas com *como assim*, sendo os três primeiros teóricos e o último experimental.

Por que e *como assim*, como dissemos, fazem parte do grupo de sintagmas interrogativos que exprimem relações causais entre eventos. Porém, não contemplam exatamente as mesmas leituras e exibem comportamentos sintáticos diferenciados.

¹ Sobre essa questão, vale ressaltar que trabalharemos com a definição de perguntas a partir de Dayal (2016), onde será explicado com maior aprofundamento na introdução e no tópico 1.2 deste capítulo.

Neste trabalho, optamos por nos concentrar no estudo sobre *como assim*, ficando para uma pesquisa futura uma comparação deste com *por que* (e com demais constituintes-*wh*).

Os estudos de Guessser, Sousa e Kédochim (2019) e Guessser *et al* (2020) observam que estruturas com *como assim* em PB são amplamente utilizadas nesta língua e parecem ter quatro tipos de interpretações: causa, motivação, elucidativa e incredulidade. Dentre essas leituras, as de causa e de motivação caracterizam a sentença como uma pergunta; ao passo que, nas leituras de elucidação e de incredulidade, temos sentenças com diferentes atos de fala. Dessa forma, com esta dissertação, temos como objetivo estudar as estruturas com *como assim* levando em conta dados diacrônicos presentes em *corpus*.

Temos como propósito procurar respostas para cinco questões: a) quão recente é o uso de estruturas interrogativas com *como assim* no português?; b) do ponto de vista estrutural, o que os dados de *corpus* podem nos dizer sobre a expressão interrogativa *como assim*? Seria essa um sintagma simples, como *o que, como, etc.*, ou algo mais complexo, derivado de uma expressão como *como isso se deu assim*, na linha do que foi hipotetizado por autores como Collins (1991) para a expressão *how come* do inglês?; c) as produções atestadas em *corpora* confirmam as leituras apontadas para sentenças com *como assim* no estudo experimental de Guessser *et al* (2020)?; d) considerando que os textos analisados contemplam dados do século XVI ao século XXI, haveria fases da história do português em que apenas algumas leituras apontadas por Guessser *et al* (2020) eram veiculadas? e e) há alguma outra leitura veiculada por *como assim* além daquelas apontadas no estudo de Guessser *et al* (2020)?

Para poder responder tais perguntas, a metodologia do presente estudo será qualitativa e quantitativa. Qualitativa por recorrer a levantamento bibliográfico e, também, por coletar as informações presentes em *corpus*. E, Quantitativa, por apresentar os dados coletados nos textos inseridos no *Tycho Brihe* (CTB). Assim sendo, vale ressaltar que a escolha por trabalhar com CTB se justifica pelo fato de esse contemplar um *corpus* que apresenta uma coleção de textos advindos de diferentes séculos, com uma grande quantidade de anotações morfológica e sintática, o que o configura como uma importante ferramenta para que o pesquisador investigue com detalhes a diacronia e a sincronia do português.

O texto que segue se organiza da seguinte forma. Primeiramente, no capítulo 1, versaremos sobre a estrutura fina do sistema complementizador (doravante CP), a partir das ideias de Rizzi (1997; 2001) e Rizzi e Bocci (2017). Na sequência, seguindo Dayal

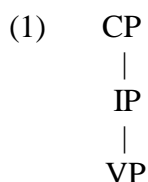
(2016), discutiremos sobre o conceito de Pergunta-wh. Depois, abordaremos o Critério-wh, proposto por Rizzi (1997) como um princípio que rege as interrogativas-wh de todas as línguas naturais. Em seguida, por meio de Miotto (1994; 2001) e Kato e Miotto (2005), apresentaremos o quadro das interrogativas-wh em PB e discutiremos como essas satisfazem o Critério-wh. Ainda no mesmo capítulo, versaremos sobre as estruturas com *como assim*, com foco nas suas possíveis leituras e, em conexão, apresentaremos os problemas de pesquisa dessa dissertação. Ao final do capítulo 1, abordaremos sobre o Corpus *Tycho Brahe*. No capítulo 2, descrevemos a metodologia empregada na pesquisa e, em conexão, no capítulo 3 os resultados encontrados e a discussão sobre eles. Por fim, são tecidas as considerações finais.

1 CAPÍTULO 1: REFERENCIAL TEÓRICO

Neste capítulo versaremos sobre o referencial teórico utilizado para a construção deste trabalho. Dessa maneira, iniciaremos abordando a estrutura fina do sistema CP a partir das ideias de Rizzi (1997) e Rizzi e Bocci (2017). Seguindo nessa linha de estudo, apresentaremos também temas discutidos por Rizzi (1997; 2001), Miotto (1996; 2001) e Guessier (2020). Por fim, abordaremos sobre a definição de perguntas seguindo o trabalho de Dayal (2016).

1.1 A ESTRUTURA FINA DO SISTEMA CP: DE RIZZI (1997) A RIZZI E BOCCI (2017)

As representações sintáticas, conforme observam Rizzi e Bocci (2017), são estruturas complexas que estão organizadas hierarquicamente. Dessa forma, Chomsky (1986) apresenta a Teoria X-Barra, e propõe como esqueleto básico para as sentenças das línguas naturais o que é representado em (1) (cf. RIZZI, 1997):



Considerando (1) de baixo para cima, o esqueleto de uma sentença conteria uma camada lexical encabeçada pelo VP. Essa seria a zona em que ocorreriam as atribuições de papéis temáticos. Acima de VP há a camada funcional do IP, zona em que estariam

presentes núcleos com especificações morfológicas, concretas ou abstratas, do verbo e onde se dariam fenômenos como a concordância sujeito-verbo e a atribuição de Caso Nominativo. Por fim, haveria a camada funcional do complementizador (CP), onde ocorrem fenômenos como focalização, topicalização e formação de sentenças relativas e interrogativas.

Entretanto, como observa Rizzi (1997), no final da década de 1980, alguns sintaticistas começaram a enfatizar que o esqueleto inicialmente apresentado em Chomsky (1986) envolvia um número consideravelmente maior de projeções. Assim, cada uma das 3 camadas de (1) passou a ser identificada como composta por um conjunto de diferentes projeções.

Considerando que as sentenças com *como assim*, objeto de nosso estudo, se manifestam no sistema CP, neste capítulo, apresentaremos a estrutura fina dessa zona estrutural, levando em consideração os achados dos trabalhos de Rizzi (1997; 2001) e Rizzi e Bocci (2017). No que se refere à aplicação desses estudos ao PB, o capítulo toma por base as observações de Mito (2001; 2003) e Guessser (2020).

1.1.1 SOBRE A DEFINIÇÃO DE CP E OS NÚCLEO FORCE E FIN

A camada do CP - também conhecida como periferia esquerda da sentença, por se localizar acima e, portanto, mais à esquerda de IP – é, segundo Rizzi (1997), a projeção funcional cujo núcleo pode ser realizado sob a forma de um morfema funcional livre e em cujo especificador podem se alojar, entre outros, sintagmas topicalizados, focalizados e operadores-wh. Para ilustrar essa ideia, podemos utilizar os exemplos do PB a seguir, retirados de Guessser (2020):

(2) a. O encarregado disse [_{CP} que [_{IP} o patrão vai demitir os empregados faltosos]].

b. [_{CP} Quem [_{IP} você encontrou na universidade ontem?]]

c. [_{CP} O professor [_{IP} eu encontrei ele na universidade ontem]].

d. [_{CP} O PROFESSOR [_{IP} eu encontrei na universidade ontem]]. (não a professora)

(GUESSER, 2020, p. 117)

A sentença em (2a) mostra que o morfema livre *que* aparece como núcleo do CP complemento da frase matriz *O encarregado disse*. No exemplo (2b), temos uma sentença interrogativa em que o sintagma-wh *quem* se move da posição de argumento interno do verbo *encontrar* para o Spec de CP, onde atua como operador-wh. Em (2c),

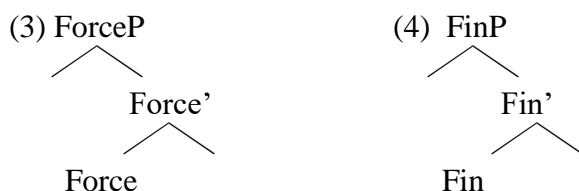
por sua vez, temos um exemplo de sentença articulada em termos de tópico-comentário: o constituinte *o professor* se caracteriza como elemento dado no discurso, ou seja, um tópico, e a sequência que o segue, *eu encontrei ele na universidade ontem*, se caracteriza como um comentário a respeito do tópico. Por fim, em (2d), temos um exemplo de sentença articulada como foco-suposição, mais especificamente, uma articulação foco-suposição do tipo contrastivo: o sintagma *o professor*, do ponto de vista pragmático-discursivo, configura-se como uma informação não suposta que é dada em contraposição a um elemento previamente dado no contexto, nesse caso, o sintagma *a professora*, que aparece entre parênteses em (2d); já a sequência *eu encontrei na universidade ontem* se caracteriza como uma informação suposta.

O trabalho de Rizzi (1997), intitulado *The fine structure of the left periphery*, é um estudo que, pode-se dizer, ao mesmo tempo em que inaugura a perspectiva cartográfica nas investigações sintáticas, coloca-se como o pioneiro na sistematização de uma hierarquia para o sistema CP, ainda que, como o próprio autor ressalta, seu trabalho tome como ponto de partida um conjunto de estudos precedentes sobre fenômenos de periferia esquerda, como os de (2).

Segundo Rizzi (1997), a camada do CP tem como função central ser um sistema de interface entre o conteúdo proposicional expresso pelo IP e uma estrutura imediatamente superior. No caso das sentenças matrizes, tal estrutura superior se refere à articulação com o discurso. No caso de uma sentença encaixada, refere-se à sentença imediatamente acima, que a seleciona. Por ser uma projeção de interface, segundo Rizzi (1997), o CP exprime informações voltadas para o IP e para a estrutura imediatamente superior.

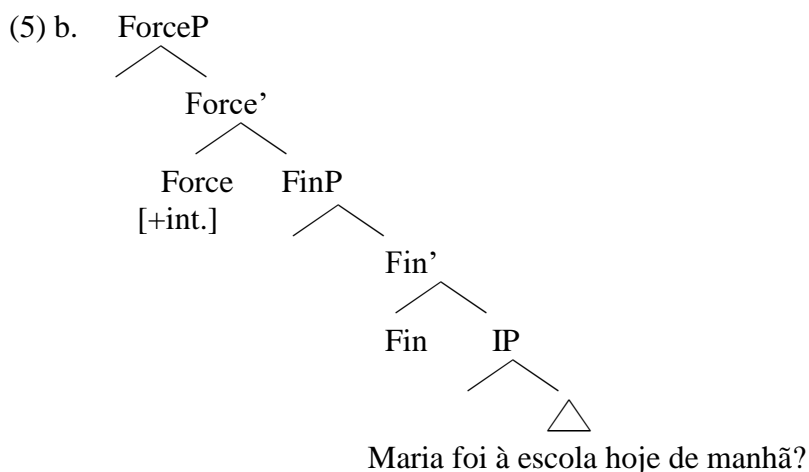
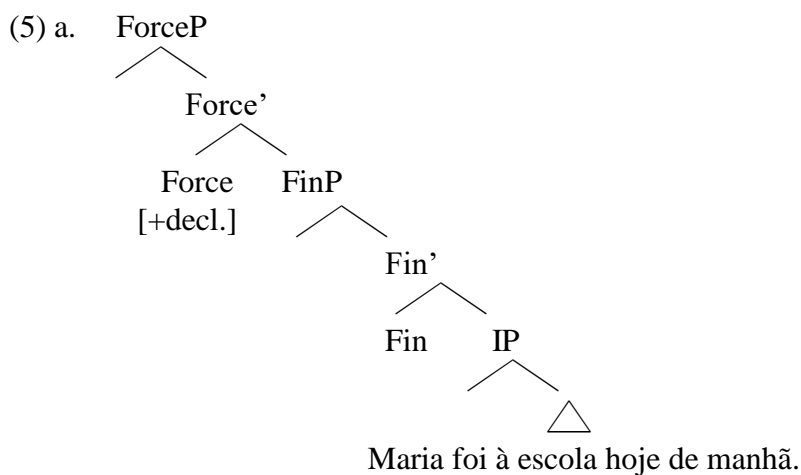
O autor propõe que, universalmente, existem dois tipos de informações primárias que o CP deve exprimir: Força (*Force*) e Finitude (*Finiteness*). A primeira, que é voltada para a estrutura superior, se refere ao tipo sentencial, ou seja, ao fato de uma sentença ser uma interrogação, uma declaração, uma exclamação, uma ordem etc; o segundo tipo de informação, voltado para dentro da sentença, ou seja, para o IP, diz respeito à definição da sentença como finita ou não finita.

Assim sendo, Rizzi (1997), assume que essas duas informações primárias sejam representadas por núcleos distintos que projetam seus próprios esquemas X-barra. Assumindo que toda sentença corresponde a um CP (cf. RIZZI, 1993), são propostas as categorias ForceP (3) e FinP (4) para o estabelecimento, respectivamente, da força e da finitude de sentença:



De acordo com Rizzi (1997), enquanto Força e Finitude são informações universais, as línguas podem exibir variação a respeito dos tipos de informação sobre o IP que elas replicam em CP. O autor cita os casos do polonês, do irlandês, do latim e de algumas variedades de línguas germânicas que manifestam no CP outros tipos de informações relacionadas ao IP, além da especificação de força e finitude.

Além disso, a própria realização morfológica de Force e Fin pode variar de língua para língua. Assim, em alguns casos, tais núcleos serão fonologicamente nulos. Como exemplo disso, Mioto (2001) observa que, considerando o núcleo Force no PB, o que vai distinguir uma oração declarativa [+finita], como (5a), de uma interrogativa sim/não [+finita], como (5b), são núcleos Force e Fin fonologicamente invisíveis, como representamos em (5):



Por outro lado, se pensarmos em sentenças encaixadas, vemos que o PB manifesta a informação [+declarativo] e [+finito] com morfologia visível, através do morfemas *que* (cf. (6)), e as especificações [+declarativo] e [-finito] por meio do morfema \emptyset (cf. (7)):

(6) A Maria disse [_{CP} que [_{IP} o João vai chegar tarde]]

(7) A Maria espera [_{CP} \emptyset [_{IP} encontrar o livro dela]]

Já em línguas como o italiano, observa-se que uma sentença encaixada [+declarativa] e [+finita] tem a presença de *che (que)* no CP (cf. (8)), ao passo que uma frase [+declarativa] e [-finita], diferentemente do que ocorre no PB, tem realização fonologicamente visível: por meio de *di*, como ilustrado em (9):

(8) a. Maria ha detto [_{CP} **che** [_{IP} Gianni è morto]]

‘Maria disse que Gianni morreu.’

(9) a. Giovanna crede [_{CP} **di** [_{IP} essere felice]]

‘Giovanna acredita estar feliz.’

1.1.2 TOP E FOC

Além das informações de força e finitude, que justificam a presença dos núcleos Force e Fin, há outros núcleos que o trabalho pioneiro de Rizzi (1997) propõe para o sintagma complementizador, mais especificamente, Tópico (Top) e Foco (Foc), os quais são responsáveis, respectivamente, por articular sentenças como as ilustradas em (2c) e (2d) e repetidas a seguir em (10) e (11) e adaptadas a um contexto de diálogo entre um falante A e um falante B:

(10) A: Faz tempo que eu não encontro o professor Mauro.

B: [_{CP} O professor [_{IP} eu encontrei ele na universidade ontem]].

(11) A: Você encontrou a professora na universidade ontem, certo?

B: [_{CP} O PROFESSOR [_{IP} eu encontrei na universidade (ontem)]]. (não a professora)

De acordo com Rizzi (1997), estruturas como (10) e (11) se assemelham do ponto de vista do deslocamento de um sintagma para a periferia esquerda, mas apresentam importantes diferenças sintáticas, semânticas, prosódicas e discursivas.

Tópico e foco, como observa Miotto (2001), são informações discursivas. Conforme dissemos anteriormente, em estruturas como (10), o elemento que se apresenta na periferia esquerda corresponde a um tópico, ou seja, uma informação dada no discurso, ao passo que a sequência *eu encontrei ele na universidade ontem* apresenta um comentário sobre o tópico. Como observa Rizzi (1997), um tipo de articulação tópico-comentário à esquerda muito utilizadas nas línguas românicas é aquela ilustrada pelos exemplos do italiano, chamada de *Clitic Left Dislocation* (CLLD), a qual, como sugere o seu nome, apresenta um tópico na periferia esquerda retomado por um pronome clítico.

- (12) a. Il tuo libro, l'ho letto. (RIZZI, 1997, p. 286)
 'O seu livro, eu o li.'

No PB, as CLLDs não são produtivas, o que, como amplamente discutido na literatura, decorre do fato de que, em muitas variedades dessa língua, os pronomes clíticos de terceira pessoa (*o, a, os, as, lhe, lhes*) passaram, ao longo da história da língua, a ser restritos à variedade escrita ou a situações de fala formais (cf. MIOTTO, 2001). Nessa língua, por outro lado, são muito produtivas sentenças em que o tópico na periferia esquerda é retomado por um pronome tônico, como em (13a), ou por uma categoria vazia, como em (13b):

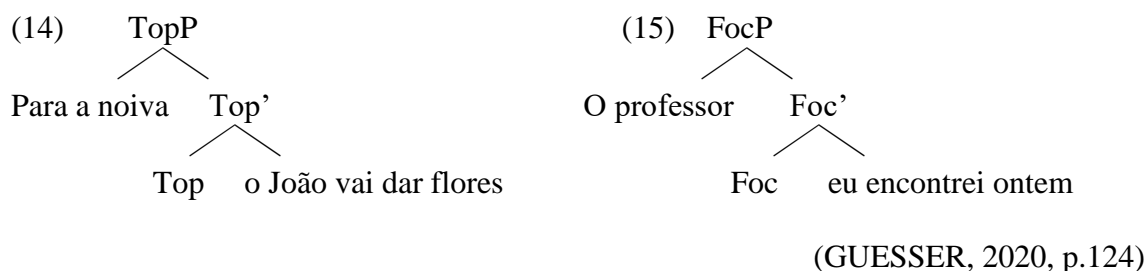
- (13) a. A noiva_i, o João vai dar flores para ela_i.
 b. Para a noiva, o João vai dar flores. (não um relógio). (MIOTTO, 2001)

Quanto à sentença em (11), como também dito anteriormente, essa consiste de uma estrutura articulada como foco-suposição. Assim, o constituinte sintático *o professor* se configura discursivamente como uma informação não pressuposta e, entoacionalmente, apresenta um acento proeminente. Por outro lado, o resto da sentença que segue o foco figura como uma informação pressuposta.

Conforme estudos como os de Miotto (2001, 2003), Guessier (2007, 2011), Quarezemin (2009) e Guessier e Quarezemin (2013), no PB, a focalização de

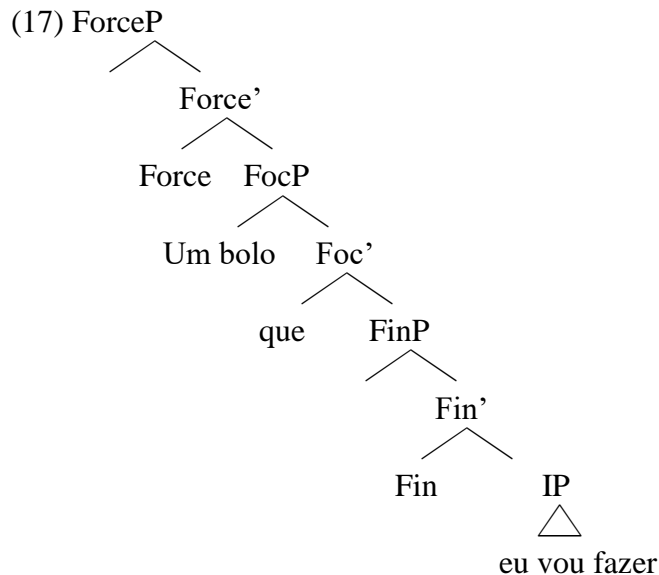
constituente na periferia esquerda veicula necessariamente leitura contrastiva. Assim, na sentença (11B), o sintagma *o professor*, além de ser uma informação nova, estabelece a existência de um elemento precedentemente citado no discurso, o que, no caso, seria *a professora*.

Na abordagem de Rizzi (1997), ao passo que os núcleos Force e Fin se apresentam como componentes fixos, ou seja, obrigatório para todas as sentenças, os núcleos Top e Foc figuram como componentes acessórios. Isso quer dizer que Top e Foc apenas serão inseridos na hierarquia da periferia esquerda se, entre os componentes da sentença a ser formada, houver um elemento com traço [+top] ou [+foc]. Havendo um sintagma [+top], o núcleo Top projetará seu esquema X-barra, estabelecendo seu especificador como um tópico, e seu complemento como um comentário que se aplica ao tópico. Assim, uma sentença como (13b) é representada como em (14). Havendo um sintagma [+foc], por outro lado, o núcleo Foc será projetado, especificando seu especificador como um foco, e seu complemento como uma pressuposição. Assim, as sentenças em (11B) e (13b) são representadas, respectivamente, como (14) e (15):



As estruturas (14) e (15) sugerem que no PB os núcleos Top e Foc não são fonologicamente realizados. Na verdade, se consideramos a análise de Mito (2001, 2003), percebemos que, em PB, Top é fonologicamente nulo, mas Foc pode ser nulo ou fonologicamente realizado. A realização fonológica de Foc, segundo o autor, ocorre em sentenças como (16), representadas como em (17) levando em conta a estrutura articulada do CP:

(16) UM BOLO que eu vou fazer. (não uma pizza)



As articulações do tipo foco-pessuposição apresentam, em muitas línguas, uma propriedade importante, a saber, o fato de o sintagma focalizado não poder co-ocorrer com um elemento-wh em contextos matrizes. É o que se verifica nos dados em (18) do italiano e em (19) do PB:

(18) a. *A GIANNI che cosa hai detto (, non a Piero)?

A GIANNI o que disse (, não ao Piero)

b. *Che cosa A GIANNI hai detto (, non a Piero)?

O que A GIANNI disse (, não ao Piero)

(RIZZI, 1997, p. 291)

(19) a. *Quando O LIVRO a Maria comprou (não a revista)?

b. * O LIVRO quando a Maria comprou (não a revista)?

A situação já é diferente quando se observa a interação de um tópico com um elemento -wh. Nesse caso, como ilustram os dados em (20) e (21), a interação tópico-wh é possível:

(20) a. A Gianni, che cosa gli hai detto?

A Gianni, o que lhe disse?

b. *Che cosa, a Gianni, gli hai detto?

O que, a Gianni, lhe disse?

(RIZZI, 1997, p. 291)

- (21) a. Pro João, o que você disse?
 b. *O que, pro João, você disse?

Na abordagem de Rizzi (1997), os dados de interação entre foco e wh- e entre tópico-wh são capturados com a ideia de que, em interrogativas matrizes, os sintagmas-wh se movem para o especificador da projeção de Foc. Assim, elementos focalizados e operadores-wh competem pela mesma posição, não podendo co-ocorrer em uma pergunta matriz.

Foc e Top também diferenciam quanto à possibilidade de aparecerem mais de uma vez na sentença. Como mostra (22), enquanto Top pode se projetar várias vezes na sentença, Foc pode ocorrer apenas uma vez:

- (22) a. Il libro, a Gianni, domani, glielo darò senz'altro.

O livro, ao Gianni, amanhã, lhe+o darei com certeza

- b. *A GIANNI IL LIBRO darò senz'altro.

AO GIANNI O LIVRO darei com certeza

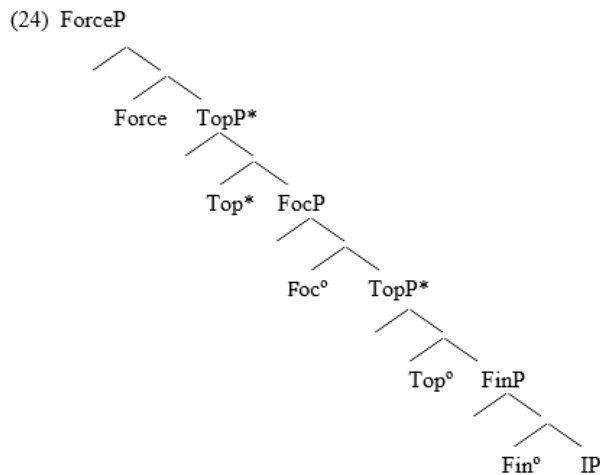
(RIZZI, 1997, p. 290)

Enquanto em línguas como o português, ToP não é realizado do ponto de vista fonológico, há línguas em que tal núcleo tem realização morfológica, como é o caso da língua gungbe, como vemos em (23):

- (23) *Kòkú yà, Dótù ná yɔ́ - è*
Koku Top Dotu Fut call-3sg
 'As for Koku, Dotu will call him'

(ABOH, 1998, 40-41)

Quando ativados, Top e Foc são ensanduichados entre Force e Fin, conforme ilustrado a seguir:



(RIZZI, 1997, p.297)

A ordenação ilustrada acima consegue dar conta de uma série de propriedades distribucionais de elementos que ocupam a periferia esquerda. Como aponta Rizzi (1997), uma delas é exemplificada em (25) e (26) com dados do italiano:

(25) a. Credo **che il tuo libro**, loro lo apprezzerebbero molto.

Acredito **que o seu livro**, eles o apreciariam muito

b.*Credo, **il tuo libro**, **che** loro lo apprezzerebbero molto

Acredito, **o seu livro**, **que** eles o apreciariam muito

(26) a.* Credo **di il tuo libro**, apprezzarlo molto.

Acredito di o seu livro, apreciá-lo muito

b. Credo, **il tuo libro**, **di** apprezzarlo molto.

Acredito, o seu livro, di apreciá-lo muito

(RIZZI, 1997, p. 288, realces nossos)

Em italiano, o elemento *di* em (26) corresponde à contraparte infinitiva do complementizador finito *che* em (25). Como ilustram os dados acima, esses complementizadores apresentam comportamentos distintos quando se deparam com a presença de sintagmas topicalizados, sendo que *che* deve preceder o sintagma topicalizado, enquanto *di* deve sempre segui-lo. Como observa Rizzi, essa diferença dificilmente seria explicada com uma teoria sobre o CP que assumisse apenas um núcleo C. Por outro lado, com a teoria articulada nos moldes de (24), é possível dar conta do contraste entre (25) e (26) com a ideia de que *che* se realiza em Force, ao passo que *di* se realiza em Fin. Assim, como consequência, os dois complementizadores aparecerão em posições opostas quando da presença de sintagmas topicalizados.

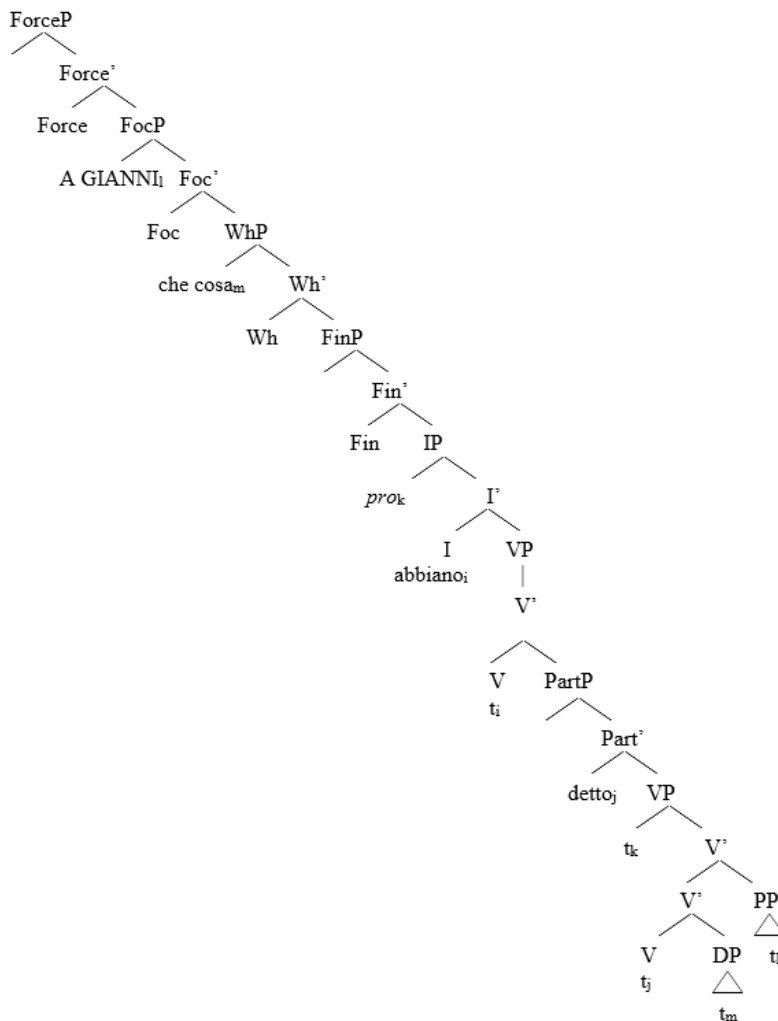
1.1.3 AS CATEGORIAS WHP E INTP

O estudo de Rizzi (2001) traz refinamentos importantes para a pesquisa sobre a periferia esquerda da sentença. Nele, o autor apresenta dois núcleos adicionais para a hierarquia do CP: WhP e IntP. A proposta da presença de WhP é baseada no fato de que, diferentemente do que vimos nos dados em (18) e (19), em contextos encaixados foco e -wh podem co-ocorrer, mais especificamente na ordem foco-wh ilustrada em (27c):

- (27) a. *?Mi domando a chi QUESTO abbiano detto (non qualcos'altro)
 Me pergunto a quem ISSO tenham dito (não alguma outra coisa)
- b. *?Mi domando QUESTO a chi abbiano detto (non qualcos'altro)
 Me pergunto ISSO a quem tenham dito (não alguma outra coisa)
- c. Mi domando A GIANNI che cosa abbiano detto (non a Piero)
 Me pergunto A GIANNI o que tenham dito (não a Piero)
- d. *?Mi domando che cosa A GIANNI abbiano detto (non a Piero)
 Me pergunto o que A GIANNI tenham dito (não a Piero) (RIZZI, 2001, p. 4)

Assim, se em sentenças matrizes os elementos-wh se movem para o especificador de FocP, o que explica sua incompatibilidade com um foco, em contextos encaixados, os constituintes -wh como *che cosa* (o que) não são forçados a ir para o especificador de FocP, mas sim são movidos para o Spec de WhP, mais abaixo de FocP. Dessa forma, a sentença em (27c), no que se refere à parte encaixada, é representada como em (28):

(28) Mi domando ...



No que se refere à proposição do núcleo Int, essa toma como base o comportamento sintático do complementizador *se*, que se realiza em interrogativas do tipo *sim/não* indiretas. Se observarmos a interação desse complementizador com um elemento focalizado, constatamos, por meio de (29), que *se* se acomuna ao complementizador declarativo *che* por ser compatível com um foco, na ordem *se-foco*:

(29) a. Mi domando se QUESTO gli volessero dire. (non qualcos'altro)

Me pergunto se isso lhe queriam dizer. (não alguma outra coisa)

b. *Mi domando QUESTO se gli volessero dire. (non qualcos'altro)

Me pergunto isso se lhe queriam dizer. (não alguma outra coisa)

(RIZZI, 2001, p. 2)

Em contrapartida, *se* e *che* se diferenciam quando manifestam interação com um tópico, dado que, como mostra (30), enquanto *che* deve ser seguido pelo tópico, *se* pode ser precedido ou seguido pelo tópico.

(30) a. Non so se, a Gianni, avrebbero potuto dirgli la verità.

Não sei se, a Gianni, teriam podido dizer-lhe a verdade.

b. Non so, a Gianni, se avrebbero potuto dirgli la verità.

Não sei, a Gianni, se teriam podido dizer-lhe a verdade.

c. Mi domando se questi problemi, potremo mai affrontarli.

Me pergunto se esses problemas, poderemos um dia afrontá-los.

d. Mi domando, questi problemi, se potremo mai affrontarli.

Me pergunto, esses problemas, se poderemos um dia afrontá-los.

(RIZZI, 2001, p. 3)

Para dar conta da diferença entre *che* e *se*, Rizzi (2001) assume a presença em CP do núcleo Int, de *Interrogative*, logo abaixo de FocP:

(31) Force (Top*) Top* Foc* Int Top* Fin IP

(RIZZI, 2001, p. 3)

A proposição do núcleo Int é particularmente relevante para o presente estudo, dado que, segundo Rizzi (2001), é nele que se alojam elementos-wh que têm função de advérbios altos, como *perché* (*por que*) e *come mai*, este último correspondente ao *how come* do inglês e, como veremos adiante, correspondente também (em algumas leituras) ao *como assim* em PB.

Rizzi (2001) observa que sentenças com *perché* e *come mai*, diferentemente daquelas com sintagmas-wh argumentais e correspondentes advérbios baixos (cf. (32)), não manifestam o movimento de I para C (cf. (33)).

(32) a * Che cosa Gianni ha fatto?

O que Gianni fez?

a' Che cosa ha fatto Gianni?

'O que fez Gianni?

b * Dove Gianni è andato?

'Onde foi Gianni?

b' Dove è andato Gianni?

'Onde foi Gianni?'

c * Come Gianni è partito?

'Como Gianni partiu?'

c' Como è partito o Gianni?

Como o Gianni saiu?'

(RIZZI, 2001, p.7)

(33) a. Perché Gianni è venuto?

Por que Gianni veio?

b. Come mai Gianni è partito?

Como assim (=por que) Gianni partiu?

(RIZZI, 2001, p. 7)

Além disso, diferentemente do que ocorre com elementos-wh argumentais e correspondentes a advérbios baixos (cf. (18) e (19)), *perché* e *come mai* são compatíveis com um foco, na ordem *perché/come mai*- foco em contextos matrizes (cf. (34)) e encaixados (cf. (35)):

(34) a. Perché QUESTO avremmo dovuto dirgli, e non qualcos'altro?

Por que ISSO teríamos devido dizer-lhes, e não alguma outra coisa

a'. *QUESTO perché avremmo dovuto dirgli, e non qualcos'altro?

ISSO por que teríamos devido dizer-lhes, e não alguma outra coisa

b. Come mai IL MIO LIBRO gli hai dato, non il tuo?

Como (= por que) O MEU LIVRO lhe deu, não o seu

b'. *IL MIO LIBRO come mai gli hai dato, non il tuo?

O MEU LIVRO como (= por que) lhe deu, não o seu

(RIZZI, 2001, p. 7)

(35) a. Mi domando perché QUESTO avremmo dovuto dirgli, non qualcos'altro

Me pergunto por que ISSO teríamos devido dizer-lhe, não alguma outra coisa

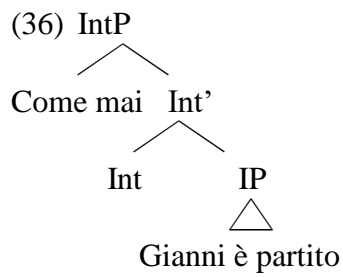
b. Non so come mai IL MIO LIBRO gli hai dato, non il tuo

Não sei como (= por que) O MEU LIVRO lhe deu, não o seu

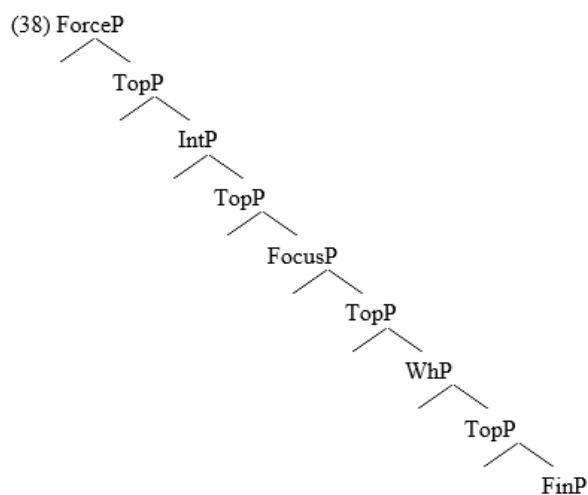
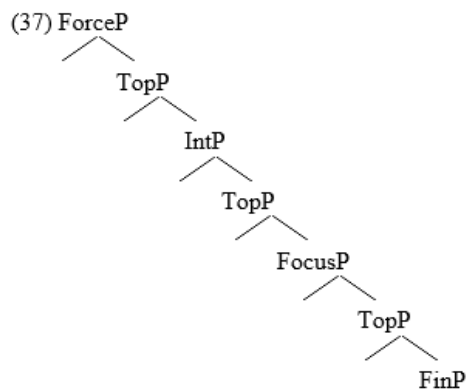
(RIZZI, 2001, p. 8)

Segundo Rizzi (2001), tal comportamento resulta do fato de que *perché* e *come mai* são gerados diretamente na posição de especificador de IntP. Assim, uma sentença como (33b) seria representada nos moldes de (36), onde se observa que, diferentemente

de uma das perguntas gramaticais de (32), não existe movimento de *come mai* de dentro de IP, mas sim geração direta em Spec de IntP:



Considerando os refinamentos apresentados por Rizzi (2001) em relação ao trabalho anterior de (1997), contata-se que o CP matriz passa a ser hierarquizado como em (37), enquanto o CP encaixado passa a se estruturar como em (38).



1.1.4 MOD

Em Rizzi e Bocci (2017), é apresentada uma nova categoria para o sistema CP, denominada Mod. Tal núcleo, segundo os autores, é envolvido no fenômeno do fronteamento adverbial, ilustrado em (39b):

(39) a. Gianni ha trovato rapidamente la soluzione

‘Gianni encontrou rapidamente a solução’

b. Rapidamente, Gianni ha trovato la soluzione

‘Rapidamente, Gianni encontrou a solução’ (RIZZI; BOCCI, 2017, p. 5)

Elementos adverbiais como *rapidamente* podem ser topicalizados ou focalizados. Porém, no caso do fronteamento em (39b), o fenômeno em jogo se refere a uma estratégia sintática para colocar um advérbio em evidência, sem lhe dar o status de tópico ou foco. Comparando (39b) com um sintagma topicalizado, Rizzi e Bocci (2017) observam que, apesar da semelhança do ponto de vista entoacional, (39b) apresenta uma diferente interpretação. Mais especificamente, enquanto tópicos, por serem informações dadas, precisam ter uma conexão com o contexto pramático-discursivo, o fronteamento de um advérbio como *rapidamente* em (39b) não precisa estabelecer uma conexão com o contexto precedente. Comparando com um sintagma focalizado, por outro lado, os autores observam que o fronteamento em (39b) é diferente seja quanto às características entoacionais, seja interpretativamente, já que o fronteamento, diferentemente do foco, não tem como função fornecer uma informação nova em contraste com um elemento previamente apresentado.

Para além disso, Rizzi e Bocci (2017) enfatizam que o fronteamento adverbial de (39b) se diferencia das estruturas de tópico e foco do ponto de vista sintático. Uma importante diferença está no fato de que o fronteamento é restrito à sentença em que ocorre. Assim, em estruturas como (40), *rapidamente* pode atuar apenas na sentença matriz (informando que Mario disse algo rapidamente), mas não na sentença encaixada.

(40) Rapidamente, Mario ha detto (--) che Gianni ha trovato (*) la soluzione.

‘Rapidamente, Mario disse que Gianni encontrou a solução.’

(RIZZI; BOCCI, 2017, p. 6)

Tal restrição, por outro lado, não se verifica na topicalização ou na focalização. Por exemplo, em (41), quando interpretado como foco contrastivo, rapidamente pode ter leitura matriz ou encaixada:

(41) RAPIDAMENTE Mario ha detto () che Gianni ha trovato () la soluzione, non lentamente.

‘RAPIDAMENTE Mario disse que Gianni encontrou a solução, não lentamente’.

(RIZZI; BOCCI, 2017, p. 6)

Através do dado em (42), Rizzi e Bocci (2017) mostram que o fronteamento adverbial precisa ocorrer acima da posição mais baixa de tópico:

(42) Rapidamente, i libri, li hanno rimessi a posto.

‘Rapidamente, os livros, eles colocaram de volta em seu lugar’.

(RIZZI; BOCCI, 2017, p. 6)

Por outro lado, *rapidamente* tem que figurar abaixo de IntP, uma vez que apenas pode seguir o complementizador *se*, que, como vimos, é o núcleo de IntP.

(43) a. Mi domando se, rapidamente, Gianni potrà trovare la soluzione

‘Eu me pergunto se, rapidamente, Gianni será capaz de encontrar a solução’

b. *Mi domando, rapidamente, se Gianni potrà trovare la soluzione

‘Eu me pergunto, rapidamente, se Gianni será capaz de encontrar a solução’

(RIZZI; BOCCI, 2017, p. 7)

Além disso, *rapidamente* não pode preceder FocP. De fato, como observam Rizzi e Bocci, sentenças como (44) apresentam leitura de tópico, mas não de advérbio fronteado:

(44) Rapidamente, I LIBRI hanno rimesso a posto, non gli articoli

‘Rapidamente, OS LIVROS eles colocaram de volta no lugar, não os artigos’

(RIZZI; BOCCI, 2017, p. 7)

Uma sentença como (44) é apropriada quando é uma resposta a um proferimento, como em (45b):

(45) a. So che hanno rapidamente rimesso a posto gli articoli...

‘Eu sei que eles rapidamente colocaram de volta no lugar os artigos...

b. No! rapidamente, I LIBRI hanno rimesso a posto, non gli articoli

‘Não! rapidamente, OS LIVROS eles colocaram de volta no lugar, não os artigos’
(RIZZI; BOCCI, 2017, p. 7)

Considerando esse conjunto de propriedades do fronteamto adverbial, Rizzi e Bocci (2017) propõem que na periferia esquerda da sentença há uma projeção denominada Mod, e que essa ocupa a parte inferior do sistema CP, podendo ocorrendo apenas acima da posição mais baixa de tópico. Dessa forma, o sistema CP passa a ser estruturado tal como esquematizado a seguir, onde Qemb equivale ao núcleo WhP de Rizzi (2001):

(46) [Force [Top* [Int [Top* [Foc [Top* [Mod [Top* [Qemb [Fin [IP ...]]]]]]]]]]]]]]]]]]]]

(RIZZI; BOCCI, 2017, p. 9)

1.2 PERGUNTAS-WH

Ao longo deste trabalho, expusemos informações acerca de sentenças que formam perguntas. Entretanto, o que é uma pergunta? Para responder a tal questionamento, apoiamos-nos na proposta de Dayal (2016).

Dayal afirma que as perguntas são consideradas um fenômeno típico de interface, podendo ser estudados através da sintaxe, da semântica, da prosódia e da pragmática. A autora considera as seguintes sentenças do inglês:

(47) a. What is your name?

‘Qual é o seu nome?’

b. Is the Pope Catholic?

‘O papa é católico?’

c. Who are you to tell me what to do?

‘Quem é você para me dizer o que fazer?’

(DAYAL, 2016, p. 1)

Dayal (2016) observa que, sintaticamente, os exemplos em (47) seriam prontamente classificados como sentenças interrogativas, visto que tais estruturas são marcadas por uma propriedade estrutural típica de interrogativas, a inversão do sujeito. Além disso, observa-se que essas estruturas são normalmente marcadas por uma entonação ascendente, o que a qualifica como interrogação e a distingue de uma frase declarativa padrão. Por outro lado, segundo Dayal (2016), os exemplos em (47), ainda que tenham sintaxe e prosódia de interrogação, não podem ser todos classificados como perguntas se olhadas com o viés da pragmática. Isso porque o ato de falar de questionar envolve um pedido para a obtenção de informação.

Além disso, é necessário que o falante não tenha conhecimento da informação solicitada e acredite que, em contrapartida, o destinatário possa ter o devido conhecimento. Nessa perspectiva, a autora explica que, em circunstâncias normais, é provável que o exemplo (47a) exiba as propriedades do ato de fala de uma pergunta. Em contrapartida, isso não ocorre em (47b), uma vez que, de acordo com Dayal (2016), qualquer pessoa que compreenda o conceito de Papa saberá que ser papa é uma propriedade ligada à religião católica. O que se observa, com a estrutura em (47b), é que o falante, ao proferi-la, tem como objetivo, face a alguma atitude do Papa, questionar o seu ‘catolicismo’.

Já o exemplo em (47c), assim como o anterior, em concordância com Dayal (2016), não pode ser uma pergunta/pedido de informação. Pelo contrário, com ela, o falante parece fazer uma afirmação, a de que seu interlocutor não deveria se atrever a lhe dizer o que fazer.

A partir da discussão Dayal (2016), de sobre dados como os em (47), constatamos que nossos discursos estão repletos de sentenças interrogativas que não contemplam um ato de fala de uma pergunta. Por outro lado, Dayal (2016) ressalta que nas línguas existem estruturas não-interrogativas que podem ser consideradas perguntas do ponto de vista do seu ato de fala (DAYAL, 2016, p. 2). Isso pode ser observado nos exemplos a seguir:

(48) a. It’s raining?

‘Está chovendo?’

b. I wonder what time it is.

‘Pergunto-me que horas são’.

(DAYAL, 2016, p.2)

O exemplo em (48a), diferentemente dos exemplos em (47), não possui inversão sujeito, embora seja marcado por uma entonação crescente, a partir da qual é possível identificar que não se trata de uma asserção. Levando em consideração o aspecto formal, de acordo com Dayal (2016), o estatuto de interrogação de (48a) pode ser contestado. Por outro lado, (48a) claramente exige uma resposta em que confirme ou negue que está chovendo, resposta que o falante não sabe. Dessa forma, pode ser caracterizada como uma pergunta. Já em (48b), Dayal (2016) aponta se tratar de uma sentença declarativa normal que, todavia, pode muito naturalmente levar a uma resposta sobre as horas.

Como a autora observa, há diversos exemplos que podem enriquecer a discussão sobre o que seja uma pergunta e sobre os descompassos entre sintaxe e entonação, de um lado, e a pragmática de uma pergunta, de outro. O que queremos focar aqui é definição formal que Dayal (2016) apresenta para as perguntas. Na perspectiva da autora, uma pergunta se caracteriza pelo seguinte ato de fala:

(49) ATO DE FALA DE QUESTIONAR— o Falante (F) questiona o Interlocutor (I) sobre uma proposição (p) se e somente se:

- i. F não sabe a verdade sobre p.
- ii. F quer saber a verdade sobre p.
- iii. F acredita que I sabe sobre a verdade de p.²

É essa definição que adotaremos para descrever e analisar os usos de *como assim* no PB.

² SPEECH ACT OF QUESTIONING—Speaker questions Hearer about proposition p iff

- i. S does not know the truth about p.
- ii. S wants to know the truth about p.
- iii. S believes H knows the truth about p. (DAYAL, 2016, p.4)

1.3 O CRITÉRIO-WH

Mioto (1996) observa que, na Teoria Gerativa, as sentenças interrogativas têm despertado interesse constantemente por conta dos fenômenos sintáticos envolvidos. E o fato de maior interesse se refere ao fato de que nessas sentenças ocorrem rearranjos que modificam a ordem canônica que se observa nas sentenças declarativas. Por exemplo, em línguas como o inglês e o italiano, as perguntas-wh genuínas precisam mover o sintagma-wh para a periferia esquerda e realizar o movimento de I para C, ou seja, o movimento do verbo finito para a periferia esquerda, o que acaba por ocasionar uma inversão verbo-sujeito (VS). Vejamos os dados do inglês e do italiano, apresentados em Rizzi (1996), por meio do texto de Guessser (2020):

(50) a. What has Mary eaten?

O que a Maria comeu?

b. *Mary has eaten what?

Maria comeu o quê?

c. *Has Mary eaten what

O que Maria comeu o quê?

d. *What Mary has eaten?

O que Maria comeu? (RIZZI, 1997 apud GUESSER, 2020, p.125)

(51) a. Che cosa ha [IP mangiato Maria?

O que a Maria comeu?

b. * Maria ha mangiato che cosa?

Maria comeu que coisa?

c. * Ha mangiato Maria che cosa?

Comeu Maria que coisa?

d. * Che cosa Maria ha mangiato?

Que coisa Maria comeu?

Para dar conta da obrigatoriedade do movimento-wh e do movimento de I para C, Rizzi (1991) propõe o princípio do Critério-WH, tal como enunciado em (52):

(52) Critério-wh³

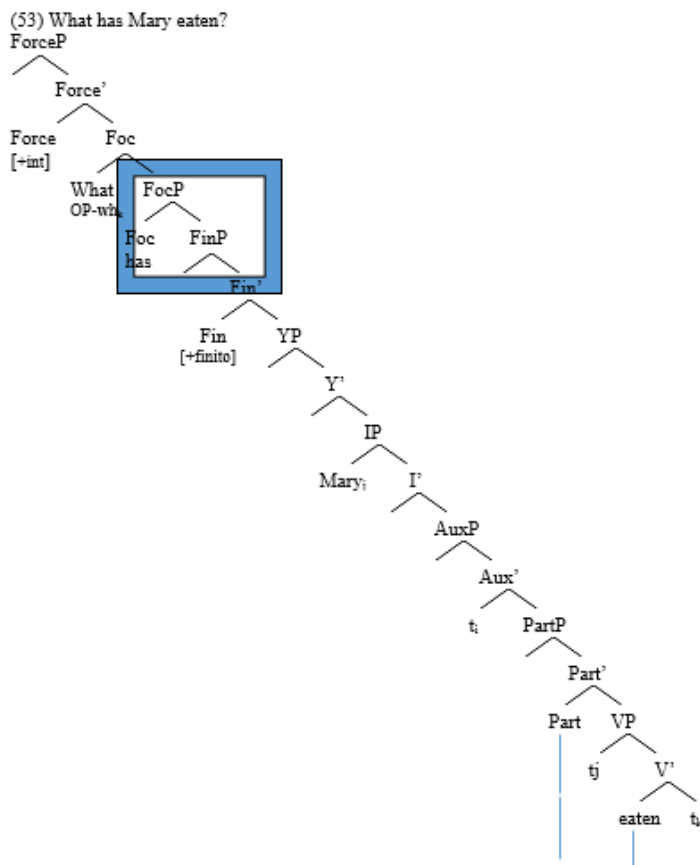
- i. Um operador-wh deve estar em uma configuração Spec-núcleo com um X0 [+Wh].
- ii. Um X0 [+Wh] deve estar em uma configuração Spec-núcleo com um operador-wh (RIZZI, 1996, p.64 apud GUESSER, 2020, p.125)

Como se observa, o Critério-wh exige que um constituinte dotado do traço [+wh] se apresente em configuração Spec-núcleo com um núcleo dotado do mesmo traço. Segundo Rizzi (1991), no caso das interrogativas matrizes, em línguas como o inglês e o italiano a flexão (I), contida no verbo finito de uma pergunta, corresponde ao núcleo [+Wh]. Com essa assunção, é possível entender por que, no paradigma em (51), apenas a ordem em (51a) é gramatical nessas línguas: apenas nessa ordenação o Critério-wh é satisfeito, dado que, como esquematizado em (53), apenas nesse verificamos que *what*, o operador-wh, ao se mover para CP, mais especificamente para Spec de FocP (cf. tópico 1.3), coloca-se em relação Spec-núcleo com o verbo finito *has*, que sai de I e vai para o núcleo de FocP⁴:

³ Wh-Criterion

- i. A Wh-Operator must be in a Spec-head configuration with a [+Wh] X0.
- ii. A [+Wh] X0 must be in a Spec-head configuration with a Wh-operator. (RIZZI, 1996, p.64)

⁴ A seta tracejada no exemplo em (53), assim como no exemplo em (54) a seguir, procura representar, grosso modo, a ligação entre a morfologia do particípio e o verbo lexical, a qual não é feita através de movimento em inglês.



(Aulas do curso: "Forma, função e processamento do foco", PPGLin/UFRJ, 2021)

Os cenários de rearranjos sintáticos mudam quando são formadas interrogativas encaixadas. Como vemos nos exemplos abaixo, temos frases agramaticais. Isso se dá em (54a), no inglês, assim como no italiano, apenas o movimento do *wh-* é requerido. As outras possibilidades de estruturação de (54), incluindo a que envolve movimento de *I* para *C* em (54d), são agramaticais.

(54) a. *I wonder Mary has seen who.

Eu me pergunto Mary viu quem.

b. I wonder who Mary has seen.

Eu me pergunto quem Mary viu.

c. *I wonder has Mary seen who.

Eu me pergunto Mary viu quem.

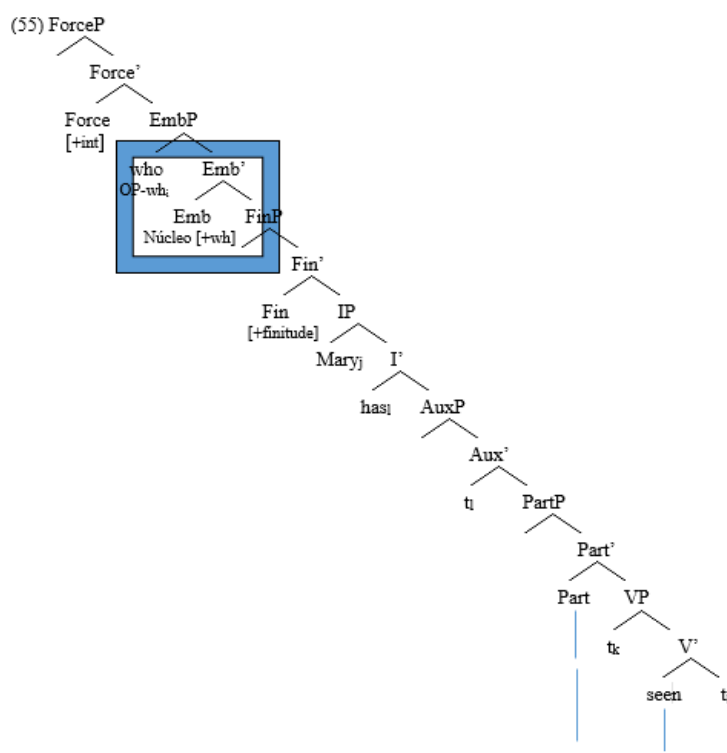
d. *I wonder who has Mary seen.

Eu me pergunto quem Mary viu.

(MIOTO, 1994, p. 24)

Segundo Rizzi (1991), em contextos encaixados, o CP encaixado é dotado do traço [+wh] por seleção lexical. Em (54), por exemplo, o verbo *wonder* (*perguntar*)

seleciona, necessariamente, um CP interrogativo. Sendo, portanto, o CP encaixado de uma pergunta necessariamente [+wh], a relação Spec-núcleo exigida pelo princípio do Critério-wh ocorrerá entre o núcleo [+wh] do CP encaixado (mais especificamente, o núcleo Wh/Emb; cf. o tópico 1.3) e a expressão interrogativa em seu Spec. Assim, podemos representar a sentença em (54a) por meio do esquema em (55):



(Aulas do curso: "Forma, função e processamento do foco", PPGLin/UFRJ, 2021)

Os fenômenos de movimento-wh e de I para C ilustrados com o PB e o italiano, são apenas algumas das possíveis estruturações de perguntas-wh. Essas duas propriedades, na verdade, são parametrizadas. Assim, com relação ao movimento do wh, podemos ter, de um lado, línguas como o inglês que, como vimos através dos dados em (54), tem movimento obrigatório do constituinte interrogativo para a periferia esquerda para formar perguntas genuínas. Nessa língua, se o elemento-wh permanece *in situ*, ou seja, em sua posição temática, a estrutura não se apresenta como uma pergunta genuína, com o ato de fala definido por Dayal em (tópico 1.2), mas sim uma estrutura interrogativa com diferentes atos de fala, como é o caso das interrogativas do tipo eco, tal como a ilustrada em (56).

(56) You saw WHO!?

Você viu QUEM!?

(BONAN, 2021, p. 6)

De outro lado, temos línguas como o chinês, em que os constituintes-wh permanecem na posição em que recebem papel temático:

- (57) Ni Kanjian-le *shei*?
 you see-ASP who
 *Shei ni kanjain-le _____?
 ↑

Quem você viu

(BONAN, 2021, p. 6)

Bonan (2021) faz notar que, entre línguas como o inglês e o chinês, há aquelas que apresentam o elemento interrogativo dentro de IP, mas envolvendo um movimento curto. Esse seria o caso do Trevisano, falado no norte da Itália. Nessa língua, como observa a autora, a ordem não marcada de declarativas é SVO, com o OI seguindo o OD em construções bitransitivas, como em (58a). É o mesmo que ocorre, por exemplo, no PB. A ordem em que o OI antecede o OD, como em (58b), não corresponde a uma sequência gramatical.

- (58) a. ghe go dato i pomi_{DO} a džani_{IO}
 3_{DAT} have_{1PS} given the apples to John
 Eu dei maçãs para Giani.
- b. * ghe go dato a džani_{IO} i pomi_{DO}
 3_{DAT} have_{1PS} given to John the apples
 Ter dado para Giani as maçãs

(BONAN, 2021, p. 7)

Com relação a elementos adverbiais, Bonan (2021) observa que esses precisam seguir os argumentos. A ordem natural para advérbios é TEMPO>LUGAR, como ilustrado em (58a). Enquanto a ordem LUGAR > TEMPO é marginal, como em (59b). Qualquer tipo de ordem em que um elemento adverbial precede um OD é excluída, como em (59c):

- (59) a. go maɲà ɲoki_{DO} jeri sera_{TIME} aa sagra_{PLACE}
 have_{1PS} eaten gnocchi yesterday night at.the festival
- b. ? go maɲà ɲoki_{DO} aa sagra_{PLACE} jeri sera_{TIME}
 have_{1PS} eaten gnocchi at.the festival yesterday night
 Ter comigo nhoque no festival ontem à noite
- c. * go maɲà { jeri sera_{TIME} } { aa sagra_{PLACE} } ɲoki_{DO}
 have_{1PS} eaten yesterday night at.the festival gnocchi
 ‘Eu comi nhoque ontem de tarde no festival’

(BONAN, 2021, p. 7-8)

Por outro lado, a ordem linear declarativa em (59) e (60) não ocorre quando uma pergunta tem um elemento-wh correspondente a um OI de um verbo bitransitivo ou um elemento-wh adverbial. Nesses casos, as ordens naturais são aquelas em que o OI precede o OD, como em (60a), e advérbios precedem argumentos internos, como em (61a):

(60) a. ghe gatu dato A KI_{IO} i pomi_{DO} ?
 3._{DAT} have=you given to whom the apples
 Para quem você deu as maçãs?

b. * ghe gatu dato i pomi_{DO} A KI_{IO} ?
 3._{DAT} have=you given the apples to whom
 Ter dado as maçãs para quem

(61) a. gatu maṇà KWANDO_{ADV} ṅoki_{DO} aa sagra_{ADV}?
 have=you eaten when gnocchi at.the festival
 Quando você comeu nhoque no festival?

b. * gatu maṇà ṅoki_{DO} aa sagra_{ADV} KWANDO_{ADV}?
 have=you eaten gnocchi at.the festival when
 Tem você comido nhoque no festival quando
 (BONAN, 2021, p. 8)

No trevisano, portanto, os elementos-wh, ainda que apareçam *in situ*, internamente a IP, realizam um movimento curto para além de sua posição de temática, movimento que, segundo Bonan (2021), tem como posição alvo o Spec de FocP da periferia de vP proposta por Belletti (2004).

No que se refere à propriedade do movimento de I para C, temos, de um lado, línguas como o inglês, o italiano, que realizam tal movimento (cf. (50) e (51)) e, de outro, línguas como o PB, em que I não sobe para C (62) (cf. MIOTO, 1996, 2001).

(62) a. Onde o Pedro encontra a Maria?

b. *Onde encontra o Pedro a Maria? (MIOTO, 2001, p. 114)

Em línguas como o inglês e do italiano, o Movimento de I para C é ligado ao movimento do sintagma interrogativo. Essa ligação fica clara no caso do francês. Nessa língua, em que sintagmas-wh podem ou não se mover para a periferia esquerda, o movimento de I para C apenas é possível se se verifica o movimento-wh, como mostram os dados abaixo, extraídos de Bonan (2021):

(63) a. *Qui* as-tu rencontré___?

Who have=you met

Quem você encontrou?

b. *As-tu rencontré *qui*?

have=you met who

Tem você conheceu quem

(64) a. *Qui* est-ce que tu as rencontré___?

who est-ce *que* you have met

Quem est-ce que você tem conheceu

b. *Qui* est-ce que tu as rencontré___?

who est-ce *que* you have met

*Est-ce que tu as rencontré *qui*

Est-ce que you have met who

Est-ce que você tem conheceu quem (BONAN, 2021, p. 23)

Porém, a associação do movimento de I para C com relação ao movimento wh- não é inquebrável, dado que há línguas que apresentam wh-interno a IP e, mesmo assim, realizam I para C. Esse é o caso de alguns dialetos do Norte da Itália, incluindo o trevisano estudado por Bonan (2020, 2021):

(65) a. Vjen-tu al marcà?

Come=you to.the market

‘Você está vindo ao mercado?’

b. *Te vjen al marcà?

you= come to.the market

Você vir ao mercado

c. Quando sì-tu ndà al marcà ___ ?

when are=you gone to.the market

‘Quando você foi ao mercado?’

d. *Quando te sì ndà al marcà ___ ?

when you= are gone to.the market

Quando você foi ao mercado (BONAN, 2021, p. 11)

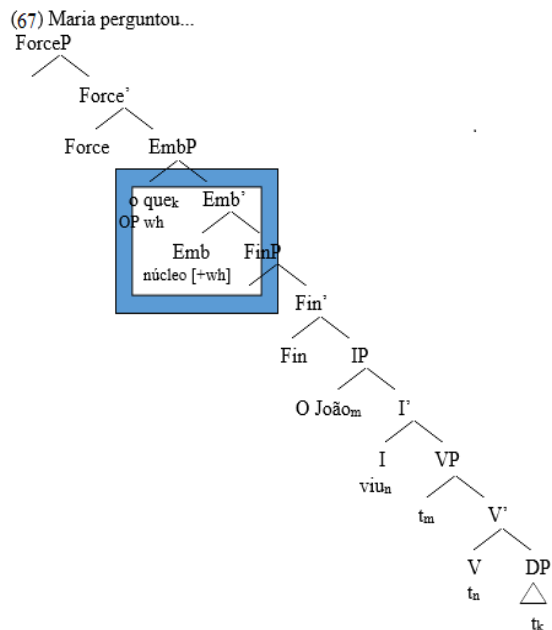
1.4 INTERROGATIVAS-WH EM PB

Mioto (1994) propõe uma análise do quadro de interrogativas do PB levando em conta o Critério-wh. Tal como proposto em Rizzi, o Critério-wh se trata de um princípio da Gramática Universal e, portanto, deve ser satisfeito por todas as línguas. Conforme vimos anteriormente, em línguas como o inglês e o italiano, em contextos matrizes, a flexão (I) é caracterizada como sendo o núcleo dotado do traço [+wh], enquanto, em contextos encaixados, o núcleo [+wh] é o CP encaixado, o qual recebe tal traço por seleção lexical.

Diante disso, ao considerar as perguntas encaixadas do PB, Mioto (1994) observa o mesmo paradigma do inglês e do italiano para as sentenças encaixadas:

- (66) a. *Maria perguntou [_{CP} [_{IP} o João viu o quê]]
 b. Maria perguntou [_{CP} o que [_{IP} o João viu t]]
 c. *Maria perguntou [_{CP} viu [_{IP} o João t o quê]]
 d. *Maria perguntou [_{CP} o que viu [_{IP} o João tt]] (MIOTO, 1994)

Dessa forma, a mesma explicação apresentada para o inglês e o italiano se aplica ao PB. Mais especificamente, das sentenças em (66), apenas (66b) é gramatical, pois apenas nesse caso se verifica a relação Spec-núcleo entre o operador-wh *o que* e o núcleo [+wh], que está no CP encaixado. Considerando a estrutura fina do CP encaixado discutida em Rizzi (2001) e Rizzi e Bocci (2017), apresentada no tópico 1.1, teremos a representação em (67) para a sentença em (66b):

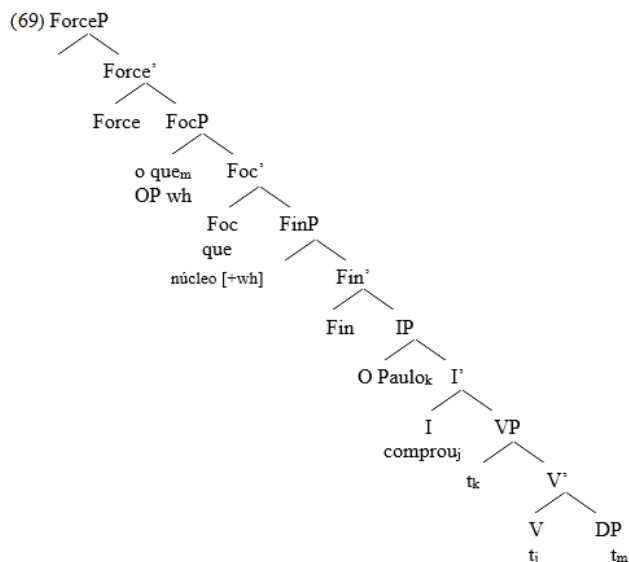


No que se refere a contextos matrizes, o PB possui um quadro diferente de estruturas para fazer perguntas do tipo wh-:

- (68) a. O que o Paulo comprou?
 b. O Paulo comprou o quê?
 c. O que que o Paulo comprou?

Como se observa em (68), essa língua se caracteriza por, assim como o francês, ter movimento-wh opcional, já que estruturas com movimento-wh para a periferia esquerda como (68a) convivem com estruturas com o sintagma-wh *in situ*, como em (68b). Além disso, são muito produtivas sentenças como (68c), que têm o sintagma-wh na periferia esquerda seguido do complementizador *que*.

Analogamente ao que já apresentamos para estruturas de focalização como *O Paulo que comeu a torta*, Mioto (1994) assume que o complementizador *que* seja uma realização fonológica do núcleo Foc. Ou seja, ao lado do núcleo de Foc não foneticamente que está presente em sentenças como (68a) e (68b), teríamos o núcleo *que* como uma possível realização de Foc. Assim, uma sentença como (68c) seria representada como em (69):



Segundo o autor, o Foc realizado como *que* é um núcleo intrinsecamente dotado do traço [+wh]. Com isso, o autor explica o fato, observado no exemplo em (70), de que em sentenças com *que* em Foc o movimento-wh é obrigatório:

(70) *Que a Maria viu o quê?

(MIOTO, 2001, p. 118)

Sendo *que* em Foc [+wh], a expressão interrogativa deve necessariamente ir para Spec de FocP, o que não se verifica em (70).

Por outro lado, o núcleo Foc não realizado fonologicamente, presente em (68a) e (68b), não seria dotado do traço [+wh]. De fato, segundo a análise de Mioto (1994), nas interrogativas matrizes do PB não existe núcleo [+wh], a não ser no caso do núcleo ser *que*, como em (68c). Nessa perspectiva, assumindo que um operador-wh se caracteriza como tal quando se encontra na periferia esquerda, em (68b) não há violação do Critério-wh porque não há nem operador-wh para estar em relação Spec-núcleo com um núcleo [+wh], nem um núcleo [+wh] para estar em relação Spec núcleo com um operador-wh.

Por fim, para dar conta de sentenças como (68a), que apresentam o movimento da expressão-wh para Spec de FocP, Mioto (1994) recorre ao processo chamado de Concordância Dinâmica. Assim, nesse tipo de pergunta a expressão-wh se move para Spec de FocP e lá, por meio da concordância dinâmica, dota o núcleo de Foc não realizado fonologicamente do traço [+wh], fazendo assim que um operador-wh aparece em relação Spec-núcleo com um núcleo [+wh].

É relevante observar que as interrogativas-wh do PB apresentam um comportamento diferenciado também com relação ao Português Europeu moderno (PE). Consideramos os dados a seguir, extraídos de Kato e Miotto (2005):

(71) a. Onde é que você estava em 82, Artur Jorge?	PE
b. Onde que você estava em 82, Artur Jorge?	*PE
c. Quem é que vai querer bater a carteira de um crioulo?	PB
d. Quem que vai querer bater a carteira de um crioulo?	PB
e. Como reagiu Adriano Pinto?	PE
f. Como o Adriano Pinto reagiu?	*PE
g. Com quem o senhor prefere disputar?	PB
h. Com quem prefere o senhor disputar?	*PB

(KATO; MIOTTO, 2005, p. 172)

No que se refere ao movimento-wh, em ambas as variedades de português, o sintagma-wh pode ser deslocada para periferia esquerda da sentença, como em (71e) e (71g). Por outro lado, o movimento de I para C, que se verifica em inglês e italiano, pode apenas ocorrer no PE: como se observa do contraste entre (71e) e (71f), de um lado, e (71f) e (71h), de outro, no PE o sujeito não pode interferir entre o elemento-wh e o verbo finito, o que pode, e na verdade deve ocorrer no PB.

A ocorrência de I para C nas interrogativas do PE faz com que, embora não seja perceptível, haja uma diferença entre as perguntas clivadas do PB e do PE, como as em (71a) e (71c). Mais especificamente, como observam Kato e Miotto, o movimento de I para C no PE nos leva a assumir o movimento da cópula *ser* para o núcleo Foc da periferia esquerda, o que não ocorrerá para o PB, onde *ser* fica na camada do IP. Assim, mesmo nunca apresentando um sujeito entre a cópula e a expressão-wh, as interrogativas clivadas do PE possuem uma estrutura diferente das do PB, como se pode conferir abaixo:

(72) a. Onde é que você estava em 82, Artur Jorge?	PE	PB
(73) a. [_{CP} Onde é _i [_{IP} pro t _i que você estava em 82, Artur Jorge]]?		PE
b. [_{CP} Onde C [_{+Q}] [_{IP} pro é que você estava em 82, Artur Jorge]]?		PB

(KATO; MIOTTO, 2005, p. 183)

Além disso, observa-se que a opção de preencher Foc com *que* é restrita ao PB (cf. (71b) *versus* (72d)). Por fim, no que se refere ao fenômeno do wh- *in situ*, segundo Kato e Miotto, que seguem Ambar (2000), enquanto sentenças como (74) formam perguntas-wh genuínas; no PE, sentenças como (74a) têm a leitura eco, ou seja, a estratégia do wh- *in situ* não está disponível para perguntas-wh.

- (74) a. Os jovens terão o seu bacharelato para quê? PE
 b. Você saiu de lá como? PB
 (KATO; MIOTTO, 2005, p. 175)

Da discussão acima sobre a sintaxe das perguntas-wh em PB, constatamos que nenhum trabalho se debruçou sobre perguntas com *como assim* do ponto de vista sintático. É interessante que tais perguntas colocam questionamentos interessantes nesta linha, visto que se comporta de maneira diferenciada das perguntas com outros sintagmas-wh. Um aspecto relevante de diferenciação, observado por Sousa (2018) e Guessier, Kédochim e Sousa (2019) é que perguntas com *como assim* não manifestarem o fenômeno do wh- *in situ*, como mostra a agramaticalidade de (75):

- (75) a. *A Maria chegou tarde como assim?

Guessier, Kédochim e Sousa (2019), tal comportamento decorre do fato de que *como assim* apresenta uma origem alta na estrutura sintática do CP proposta por Rizzi, mais especificamente, é gerado em Spec de IntP, assim como o é o sintagma *come mai* do italiano (RIZZI, 2001). Nesse sentido, podemos assumir, nas linhas de Rizzi (2001), que, em PB, o núcleo Int é intrinsecamente dotado do traço [+wh], e a relação Spec-núcleo do Critério-wh se dá entre o núcleo Int e *como assim* em seu Spec.

Vale notar que a sentença (75) apenas se figura como gramatical se houver uma pausa entre *como assim* e o resto da frase que o antecede, *A Maria chegou tarde*, o que indica uma topicalização dessa sequência por cima de *como assim* em Spec de IntP.

Não é objetivo de nosso estudo apresentar uma discussão sintática das perguntas com *como assim*, mas apenas situar as perguntas com tal sintagma dentro do quadro das interrogativas-wh do PB e da análise proposta por Miotto (2001, 2003) em termos do Critério-wh. Nosso foco está em perguntas relacionadas à história das perguntas com esse sintagma, na origem estrutural do sintagma e nas leituras que ele veicula nas

interrogativas em que aparece. Antes de apresentar tais perguntas, vejamos, a hipótese de Guessser *et al* (2020) sobre as interpretações das interrogativas com *como assim*.

1.5 INTERROGATIVAS COM *COMO ASSIM*

Segundo Guessser *et al* (2020), podem apresentar quatro leituras para as interrogativas com *como assim*: causal, de motivação, elucidativa e de incredulidade.

O estudo de Guessser *et al* (2020) parte da classificação das semânticas das leituras de causa entre dois eventos propostas por Reinhart (2003) e adotada por Tsai (2008) em seu estudo sobre interrogativas do inglês e do chinês. Segundo Reinhart (2003), três são os tipos de relações causais entre dois eventos: Habilitação, Causa e Motivação. Essas leituras são especificadas a seguir:

(76) a. Habilitação: um evento é uma condição necessária para o outro.

(ex., Pasuya entrou na piscina e então ele se afogou)

b. Causa: um evento é uma condição suficiente para a outra.

(ex., Acabou de nevar lá fora, então a neve está branca)

c. Motivação: um evento habilita ou causa o outro, sendo mediado por um estado mental

(ex., Pasuya queria comer, então ele começou a cozinhar)

(TSAI, 2008, p. 90, apud GUESSER *et al*, 2020, p. 103)

Assumindo tal tipologia de leituras causais, Tsai (2008) observa que em inglês a leitura de Habilitação pode se verificar em sentenças com o sintagma interrogativo *why*, como as ilustradas em (77) e (78):

(77) Why did Pasuya hit Moo?

‘Por que Pasuya bateu em Mo’o?’ (TSAI, 2008, p. 93 apud GUESSER *et al*, 2020, p. 103)

(78) Why is the snow white?

‘Por que a neve é branca?’ (TSAI, 2008, p. 91 apud GUESSER *et al*, 2020, p. 103)

Em (77) e (78), segundo o autor, pressupõe-se que **Pasuya bateu em Mo’o** e, em (78), que **a neve é branca**. Nessas sentenças, o papel do elemento-wh *why* é

questionar sobre a razão de Pasuya bater em Mo'ó e de a neve ser branca, respectivamente.

No que se refere à leitura de Causa entre dois eventos, Tsai assume que em inglês tal relação seja expressa em interrogativas pelo sintagma *how come*, como ilustrado em (79) e (80):

(79) How come Pasuya hit Mo'ó?

‘Como assim Pasuya bateu no Mo'ó?’

Pressuposição → Pasuya bateu em Mo'ó, e algo fez com que ela batesse em Mo'ó.

Contraexpectativa → Pasuya não deveria bater em Mo'ó.

Ato de fala → o falante quer saber o que fez com que Pasuya batesse em Mo'ó.

(80) How come the snow is white?

‘Como assim a neve está branca?’

Pressuposição → a neve está branca, e algo fez com que ela se tornasse branca.

Contraexpectativa → a neve não deveria estar branca.

Ato de fala → o falante quer saber o que fez com que a neve se tornasse branca.

(TSAI, 2008, p. 89 apud GUESSER *et al*, 2020, p. 104)

Segundo Tsai, em perguntas como (79) e (80) existem, respectivamente, a pressuposição de que **Pasuya bateu em Mo'ó, e algo fez com que ela batesse em Mo'ó**, e de que **a neve está branca, e algo fez com que ela se tornasse branca**. Trata-se, portanto, de uma pressuposição diferente da que verificamos em perguntas com *why* com leitura de Habilitação ilustradas em (77) e (78). Além disso, na leitura de Causa está envolvida uma propriedade importante, que é a contraexpectativa do falante. Assim, em (79) tem-se a contraexpectativa de que **Pasuya não deveria bater em Mo'ó** e, em (80), a de **que a neve não deveria estar branca**.

Quanto à semântica de Motivação, essa, segundo Tsai, pode ser expressa por perguntas com *why* ou com *what for* e corresponde à leitura que alguns estudiosos chamam de leitura propósito. Em (81), temos um exemplo com *what for*:

(81) For what purpose will Akiu leave?

Se observarmos o elenco das leituras de causa em (76), constatamos que existe uma propriedade importante para a definição da leitura de Motivação, que é o fato de a

relação entre dois eventos ser mediada pelo **estado mental de um agente**. Ou seja, a relação entre dois eventos se dá em situações colocadas por verbos que veiculam um papel agentivo. Note-se que se não fosse essa propriedade, a leitura de Motivação não existiria e seria diluída entre as leituras de Habilidade e de Causa. O fato de a semântica de Motivação envolver estado mental de um agente pode ser verificado nos exemplos a seguir, de Zwick e Zwick (1973), os quais envolvem os predicados ‘ser alto’ e ‘sentir frio’, que são marcados por não poderem ser controlados por um agente.

(82) How come George is tall?

‘Como assim o George é alto?’

(83) How come you feel cold?

‘Como assim você sente frio?’

(84) ?What is George tall for?

‘Para que o George é alto?’

(85) ?What do you feel cold for?

‘Para que você sente frio?’

(ZWICKY; ZWICKY, 1973, p. 924)

Como podemos constatar as sentenças em (82) e (83), que têm como elemento *wh- how come*, ou seja, que envolvem uma relação de causa não mediada por um estado mental de um agente, são perfeitamente aceitáveis com os predicados não passíveis de agentividade ‘ser alto’ e ‘sentir frio’. Por outro lado, as perguntas em (84) e (85), que envolvem *what for*, são marginais; isso se dá porque *what for* prevê um evento controlável por um agente, mas os predicados ‘ser alto’ e ‘sentir frio’ não possuem tal característica.

Com base na distinção entre as leituras de Habilidade, Causa e Motivação para relações causais entre eventos, Guessier *et al* (2020) mostram, por meio de um estudo experimental, que perguntas com *como assim* podem ter diferentes leituras. Elas podem ter a leitura de Causa, como mostram os exemplos em (86), que envolve um diálogo entre um falante A e um Falante B:

(86) A: A Maria comprou um carro novo.

B: Como assim ela comprou um carro novo?

A: (Porque) O carro antigo dela tinha muitos problemas mecânicos.

(GUESSER *et al*, 2020, p. 91)

Como observam as autoras, no contexto em (86) se verifica também uma contra-expectativa do falante, mais especificamente, o falante B deixa claro que não esperava que a Maria comprasse um carro novo. Entretanto, caso a resposta do falante A fosse divergente e ele dissesse que *Maria comprou o carro só para se exibir nas redes sociais*, a leitura mudaria, seria a de motivação, visto que foi uma ação controlada pelo agente, que nesse caso é Maria.

Além disso, é importante destacar que, para considerar tal leitura, a resposta dada pelo falante B é essencial para o contexto de utilização com *como assim*. Além disso, isto é considerado para todas as leituras apresentadas.

Assim, a primeira conclusão a que Guessser *et al* (2020) chegam é que o sintagma *como assim* do PB, por poder ocorrer em contextos como (86), pode ser considerado a contraparte da expressão interrogativa *how come* do inglês.

As autoras também apontam, através do diálogo entre A e B em (87), a possibilidade de *como assim* a veicular leitura de Motivação:

(87) A: Você ficou sabendo que o Tiago vai sair de férias para Fernando de Noronha?

B: Como assim ele vai sair de férias para Fernando de Noronha?

A: Para se exibir nas redes sociais.

(GUESSER *et al*, 2020, p.154)

Porém, como enfatizam as autoras, a leitura de Motivação em (87), diferentemente da apresentada na tipologia de Reinhart (2003) em (86), caracteriza-se por exprimir uma contra-expectativa como se observa na segunda fala de A. Dessa forma, considerando esse contexto, *como assim* expressa uma contra-expectativa do falante. Por essa razão, as autoras chamam a leitura de *como assim* em (87) de *como assim* de motivação com contra-expectativa.

No que se refere à formação de perguntas canônicas/genuínas, portanto, *como assim* em PB veicula as leituras de Causa e Motivação (esta última com contra-expectativa). Além dessas leituras, Guessser *et al* (2020) mostram que tal sintagma figura em dois outros tipos de contextos. O primeiro contexto seria o que pode ser

ilustrado por exemplos como os em (88) e (89), que as autoras retiram de *corpora* do Projeto Norma Urbana Culta do Rio de Janeiro (NURC-RJ)⁵:

(88) **LOC.** - Bom, isso aí tem uma origem vegetal e por processos industriais é formada a linha, né, extraída do vegetal e... Isso numa primeira fase industrial, né? Depois, numa segunda fase, isso é transformado num tecido e numa terceira fase seria a de confecção propriamente da, da camisa.

DOC. - Discrimina isso.

LOC. - **Como assim?**

DOC. - Como é que é isso? As partes aí dessa confecção.

(RJ-DID-096) (NURC-RJ, 1972 apud GUESSER *et al*, 2020, grifo nosso)

(89) **DOC.** - (inint.) e quanto custa isso?

LOC. - Eh, com o... Completo assim deve estar uns cinquenta contos naquele Braga's, lá da, lá do edifício Central, Avenida Central.

DOC. - Sei. Agora, me diz uma coisa, e as mulheres, você tem idéia?

LOC. - **Como assim?** Do... Como é que é essas etapas?

DOC. - Essas etapas de tratamento de cabelo, de rosto, de pele.

LOC. - Ah, não, sinceramente. Não faço a mínima idéia de como é que é.

(RJ-DID-096) (NURC-RJ, 1972 apud GUESSER *et al*, 2020, grifo nosso)

Guesser *et al* (2020) observam que no caso de (88) e (89), são usadas quando o falante não compreendeu algo do diálogo e, por isso, solicita informações adicionais a seu interlocutor. Assim, em (88), **LOC**, após não entender o que **DOC** queria dizer com *Discrimina isso*, utiliza a sentença *Como assim?*, a qual é respondida por **DOC** por meio de uma paráfrase para *Como assim?*, ou seja, *Como é que é isso? As partes aí dessa confecção*.

Algo parecido se verifica no diálogo em (89). Nesse caso, o próprio falante (**LOC**), ao utilizar *como assim*, faz uma antecipação do que acredita ser o que o questionamento que o documentador havia feito anteriormente. O **DOC**, então, percebendo que não foi compreendido, usa outra forma frase para esclarecer de fazer a pergunta que havia feito: *essas etapas de tratamento de cabelo, de rosto, de pele*.

⁵ As siglas DOC e LOC se referem, respectivamente, a Documentador e Locutor.

Considerando que nesses casos *como assim* é utilizado pelo falante para pedir elucidações/esclarecimentos sobre algo que ouviu de seu interlocutor, Guessser *et al* (2020) chamam essa leitura de *como assim* de leitura elucidativa.

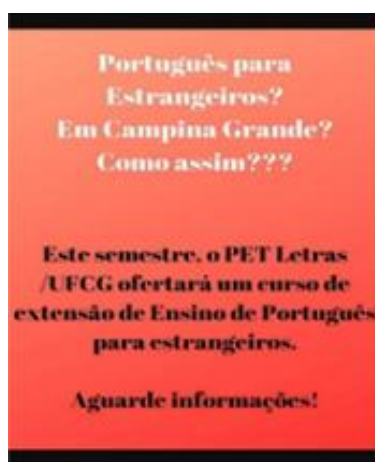
A seguir são apresentados outros exemplos⁶ de *como assim* elucidativo de Guessser *et al* (2020):

(90)



Disponível em: <https://www.politize.com.br/cultura-do-estupro-como-assis/> apud GUESSER et al (2020, p.156)

(91)



Fonte: Facebook apud GUESSER *et al* (2020, p.156)

O segundo contexto de utilização de *como assim* apontados por Guessser *et al* (2020) é possível verificar a seguir:

⁶ É importante ressaltar que ao analisar os exemplos apresentados nesta dissertação, levamos em consideração as características apresentadas em cada leitura pelo trabalho de Guessser *et al* (2020). Dessa forma, para afirmar se a leitura é de causa, motivação, elucidativa ou de incredulidade, se faz uma análise contextual e se define se o texto/trecho em que *como assim* é utilizado possui as devidas características interpretativas.

(92) **LOC.** - bom... obviamente... tem um goleiro... dois zagueiros... dois do meio de campo e um na... frente... fazendo a... ponta de lança... como eles...

DOC. - qual a função de cada um?

LOC. - como assim? bom... aí pra explicar... os zagueiros ficam plantados... próximo à área... justamente pra evitar... que haja o perigo do adversário... penetrar... os de meio de campo... é que auxiliam... e praticamente agem... como atacantes... em si... que é aqueles que podem... exatamente... fazer... perigar o adversário... então... ele jogam... de comum acordo com aquele que fica na frente... lutando por isso... eu acho que futebol... acho que já falei demais...

(NURC) (citado em GUESSER *et al*, 2020. 157)

Como observam as autoras, nesses casos, o falante, ao proferir uma estrutura interrogativa com *como assim* tem como propósito exprimir um estado de surpresa, de incredulidade, com relação a um evento ou proferimento que viu ou ouviu. Esse tipo de leitura fica muito claro quando o interlocutor, ao ouvir a interrogativa com *como assim*, confirma aquilo que foi dito anteriormente, como é o que ocorre em (93), por meio da expressão *sim*.

(93)



Fonte: Facebook.

(GUESSER *et al*, 2020, p.157)

Guesser *et al* (2020) chamam esse tipo de leitura de *como assim* como leitura de incredulidade e ressaltam que, nesses contextos, uma interrogativa se caracteriza por conter uma prosódia que se distancia da prosódia da leitura elucidativa e se aproxima das leituras de causa e de motivação com contra-expectativa.

Quanto às sentenças com *como assim* com as leituras eluciativa e de incredulidade, Guessier *et al* (2020) observam que essas não devem ser caracterizadas como perguntas genuínas. De fato, elas não apresentam um ato de fala que se aproxime ao de uma pergunta, tal como aquele definido em Dayal (2016), mas sim, envolvem diferentes atos de fala.

No caso das elucidativas, envolve um pedido de esclarecimento, visto que o falante busca por informações adicionais, ou seja, elementos que façam sentido ao que ele ouviu anteriormente. Vale ressaltar que, das quatro leituras, essa é a única que não possui traço de incredulidade. Já no caso das estruturas com leitura de incredulidade, estas se referem à expressão de descrença, surpresa e até indignação.

Estruturas interrogativas com leitura de incredulidade são muito recorrentes no PB. A seguir, apresentamos dados adicionais aos de Guessier *et al* (2020):

(94)



Figura 1: Tirinhas humorísticas. Fonte: WhatsApp.

Nessa imagem, inferimos, no segundo quadrinho, a leitura de incredulidade: ao proferir *não!!! Como assim*, o bege declara como surpresa a fala *Bolsonaro corrupto* do

passarinho rajado. Porém, levando em consideração o cenário político em que vivemos, inferimos também a leitura irônica no proferimento de *como assim*.

É senso comum que dificilmente nenhum político não seja corrupto de alguma maneira. Dessa forma, podemos considerar dois momentos para a sentença com *como assim*: primeiro, exprime-se uma incredulidade e, em seguida, por implicatura conversacional, tal incredulidade é cancelada.

A seguir temos outros um exemplo de ocorrência de *como assim* de incredulidade:

(95)



Figura 2: Imagem humorística. Fonte: Imagens da Internet.

1.6 UM ESTUDO DE *COMO ASSIM* COM DADOS DE *CORPORA*

Como afirmamos na introdução deste trabalho de dissertação, a literatura sobre perguntas-wh em PB é vasta. Todavia, poucos são os estudos que têm como foco as perguntas causais, como as que contêm *como assim*. Nessa perspectiva, este trabalho tem como objetivo contribuir para a ampliação da descrição e análise das perguntas com relações causais, com foco nas sentenças com *como assim* do PB. Nosso objetivo é investigar tais sentenças atentando para sua localização na história do português, para sua estrutura de origem e para suas interpretações.

Assim, uma primeira pergunta que podemos nos colocar é sobre quão antigo (ou quão recente) é o uso dessas estruturas. Da discussão do tópico anterior e dos exemplos de *como assim* que apresentamos, podemos depreender que o uso dessa expressão se dá, sobretudo em contextos informais de fala e escrita. Dessa forma, podemos nos perguntar: seriam essas estruturas relativamente novas na história do português?

Ligada a essa questão mais histórica temos outra, de caráter estrutural. O sintagma *como assim* é claramente diferente de outros sintagmas-wh do português, sendo constituído por uma palavra-wh (*como*) e um elemento adverbial (*assim*). Como apontamos, *como assim* tem certa semelhança com sintagmas como *come mai*, do italiano, e *how come*, do inglês. Em seu estudo sobre *how come*, Collins (1992) hipotetiza que tal sintagma tenha surgido da simplificação de uma expressão maior, a saber *how come does it come about*. Seguindo essa linha de raciocínio, podemos nos perguntar se o *como assim*, de maneira análoga, não tenha surgido de algo como *como isso se deu assim*, envolvendo o cancelamento da sequência *isso se deu*.

Sabemos que a sequência *como isso se deu assim* não é utilizada nos mesmos contextos de *como assim* no PB atual. Não a consideramos agramatical, mas também não a julgamos, como falantes nativos, como utilizada em estruturas interrogativas. De qualquer forma, isso não impede que *como assim* possa ter se originado de uma expressão maior como *como isso se deu assim*. De fato, os usos de *como* e *assim* atuais parecem ter sofrido importantes alterações. Para dar um exemplo, no CTB encontramos um amplo uso de expressões como as a seguir, em que *como assim* e *assim como* eram usadas em contexto hoje agramatical em PB. No PB atual, nesses casos, usaríamos apenas a expressão *como*.

ASSIM COMO⁷

[..]

E quando esta inclinação não fora natural, podia ser artificiosa, porque as mesmas regras e os mesmos preceitos têm a pintura que a poesia: quae poeticae, eadem picturae conueniunt monita, et leges: Possevino, L.17 , cap.23 , 2 p. Bibliotheca, mas sem dúvida é indústria e natureza, arte e engenho o que os inclina a estas duas faculdades nascidas de um mesmo ventre e de um mesmo parto. Muito pode a natureza e o engenho no pintor e no poeta, e assim vemos realçar a uns pintores (vê Torquato Tasso, tomo 1, Prose, fl.257) os ornamentos dos altares e dos templos, e a outros os dos teatros, praças e lugares públicos; e vemos uns poetas serem extremados nas narrações sagradas, outros nas cíveis e outros nas militares, e **assim como** cada poeta se une naturalmente a seu gênio.

[...]

COMO ASSIM⁸

Aos 22. fahio do Porto de Lisboa a armada da Com-panhia geral do Comercio, de ã foi
 Aos 22 saiu do Porto de Lisboa a armada da Caompanhia geral do Comércio, de que foi
 General Iorge Furtado de Mêdoça, para conduzir a frota do Brafil.
 General Jorge Furtado de Mendonça para conduzir a frota do Brasil.
 Em os mefmos 22 (dia do fuccellõ de Tras os Montes, **como affim** fe notou)
 Em os mesmos 22 (dia do sucesso de Trasonetes, **como assim** se notou)
 fahio de Lisboa o fenhõ Infante D. Pedro, para com jornada menos apressada, por
 saiu de Lisboa o Senhor Infante Dom Pedro, para com jornada menos apressada, por
 caufa de fua conualecçça, fe poder achar em Santarê com El-Rey N.S. ã no dia seguinte,
 causa de sua conualescença, se poder achar em Santarém com El-Rei Nosso Senhor que no dia seguinte,
 ã forão 23. partio a lançar a primeira pedra, & fundamêto na fumptuofa Ermida ã
 que foram 23. Partiu a lançar a primeira pedra, e fundamento na suntuosa ermida que
 manda fazer á S. Imagê de N.S. da Piedade, ã com marauilha tão eftupêda nos segurou
 manda fazer à Santa Imagem de Nossa Senhora da Piedade, que com marauilha tão estupenda nos
 segurou
 o bom fuccellõ da ca-panha paffada, quando o inimigo em AlêTejo fe tinha por mais
 o bom sucesso da campanha passada, quando o inimigo em Alentejo se tinha por mais
 pujante, como então fe declarou. Dormio S. Mag. naquella noite na Villa da
 pujante, como então se declarou. Dormiu Sua Majestade naquela noite na Vila da
 Azambuja, onde man-dou foltar algũ[s] prefos que auia, & fez algũas esmolos.
 Azambuja, onde mandou soltar alguns presos que havia, e fez algumas esmolos

Nessa perspectiva, nosso intuito é, ao realizar as buscas no CTB, observar sequências de textos mais amplas que possam nos dar alguma pista sobre uma possível derivação de *como assim* de uma estrutura maior.

Conforme discutido na anteriormente, seguindo Guessser, Sousa e Kédochim (2019) e Guessser *et al* (2020), sentenças com *como assim* são amplamente utilizadas no PB e parecem poder veicular quatro tipos de interpretações: de causa, de motivação, de elucidação e de incredulidade. Dentre essas leituras, as duas primeiras caracterizam uma estrutura com *como assim* como uma pergunta. Já as duas últimas se referem a diferentes atos de fala: com a interpretação elucidativa, tem-se um pedido de esclarecimento ou informação adicional, e com a leitura de incredulidade tem-se como

⁷ Texto disponível em: <https://www.tycho.iel.unicamp.br/corpus/cgi-bin/getversion.pl> Acesso em 21 mar. 2023

⁸ Texto disponível em: https://www.tycho.iel.unicamp.br/corpus/cgi-bin/getversion_edictor.pl Acesso em 21 mar. 2023

propósito exprimir uma contra-expectativa. Nessa perspectiva, um questionamento a ser levantado é se as leituras apontadas por Guessier *et al* (2020) se confirmam.

Além disso, uma vez que o CTB nos permite ter acesso a textos a partir do século XVI, outro questionamento que podemos fazer é se as leituras hipotetizadas para *como assim* se verificam desde produções linguísticas mais antigas, ou se há períodos da história do português em que apenas algumas leituras eram percebidas.

Por fim, juntamente com essa questão, podemos colocar a que segue: além das quatro leituras apontadas, há outras que podem ser veiculadas por sentenças com *como assim*?

Essas são, em suma, as perguntas centrais do nosso estudo. Pretendemos encontrar respostas a esses questionamentos recorrendo a buscas no CTB, sobre o qual versaremos resumidamente a seguir.

1.7 ESTUDOS DIACRÔNICOS SOBRE O PORTUGUÊS E *CORPUS TYCHO BRAHE*

De acordo com Paixão de Sousa (2014), no que se refere à linguística histórica, em particular à língua portuguesa, em Portugal, o primeiro *corpus* que emerge é o *Corpus Eletrónico Português do Período Clássico* (a partir de Verdelho, 2001) e *Corpus Informatizado o Português Medieval* (a partir de Xavier, 2002). O primeiro, segundo o próprio *site* do *Corpus Eletrónico Português do Período Clássico*, foi criado, nos finais de 1992, por um grupo de linguistas da Universidade de Nova Lisboa que estabeleceu como objetivo desenvolver estudos linguísticos diacrônicos tendo por base textos dos primeiros tempos da História da Língua Portuguesa. Dessa forma, em 1993, começou a digitalização de uma coleção de textos representativos do Português Medieval, o qual se deu o nome de *CIPM*, isto é, *Corpus Informatizado o Português Medieval* (a partir de Xavier, 2002).

Já o segundo, intitulado por *CELGA-ILTEC*, de acordo com o *site* deste *corpus*, este foi criado em 2015 e resulta da fusão de duas unidades pré-existentes: o *CELGA* e o *ILTEC*, estes, criados em tempos diferentes e pelos seguintes fundadores: Prof. José Herculano de Carvalho, juntamente com o coordenador científico Prof. Luís Filipe Lindley Cintra, fundam, em 1966, o Centro de Estudos de Linguística Geral e Aplicada (*CELGA*). E, em 1988, Prof. Maria Helena Mira Mateus funda o *ILTEC* (Instituto de Linguística Teórica e Computacional).

A partir disso, ainda segundo Paixão de Sousa (2014), os primeiros *corpora* anotados de textos históricos portugueses surgem no Brasil com o CTB. Segundo informações do próprio *site* do CTB, o *corpus* foi criado em dezembro de 2017, pelos Professores Charlotte Galves, Aroldo Leal de Andrade e Pablo Faria.

Com relação ao CTB, Paixão de Sousa (2014, p.55) explica que o *corpus* foi inicialmente criado seguindo o objetivo que Galves (1998) apresentou em seu trabalho, a saber, reunir textos portugueses escritos por autores nascidos entre os séculos XVI e XIX, pois esse período havia sido pouco estudado, uma vez que as pesquisas realizadas sobre a história do português se concentravam na fase antiga da língua, ou seja, anterior ao século XVI.

Além disso, vale ressaltar que, segundo Galves (2019), com o passar do tempo, surgiu uma questão em particular que dizia respeito à localização no tempo da emergência da sintaxe da língua portuguesa moderna. Galves (2019) explica que a periodização tradicional hesitava entre o século XVI e o século XVIII. Porém, a autora, ao observar a alta frequência de colocação enclítica nos sermões do Pe. Antonio Vieira (1607-1696), sugere que esse autor representava fortemente a língua moderna. Com base nisso, a autora aponta que a sintaxe moderna estaria aparecendo nos textos do século XVII.

Considerando essa problemática, Galves (2019) afirma que o CTB viria a permitir testar empiricamente essa hipótese, por meio de um conjunto de textos e autores que ainda não haviam sido analisados até aquele momento. Ademais, o *corpus* permitiria a realização de um trabalho diacrônico sobre a língua e, também, apresentaria elementos para escrever gramáticas sincrônicas de fases passadas.

Em conformidade com Paixão de Sousa (2014), em virtude do desenvolvimento de outros projetos que vieram na sequência, o CTB precisou expandir-se em relação ao tempo e ao espaço. Logo, a coleção começou a incluir obras de autores brasileiros e africanos. Atualmente, temos a informação de que, segundo o *site* oficial do CTB e segundo Paixão de Sousa (2014), há textos escritos por autores portugueses, brasileiros e africanos, nascidos entre 1380 e 1881. O *site* possui 88 textos, com um total de 3.544.628 palavras, que estão disponíveis para a pesquisa.

É importante ressaltar que, em conformidade com Galves (2019), o CTB possui a particularidade de ser anotado morfossintaticamente, ou seja, a cada palavra é atribuída uma etiqueta que expressa suas propriedades morfológicas, e a cada frase é apresentada uma estrutura sintática. A partir disso, o CTB possibilita que o pesquisador realize buscas por itens lexicais, classes de palavras e por estrutura sintática. Desses 88

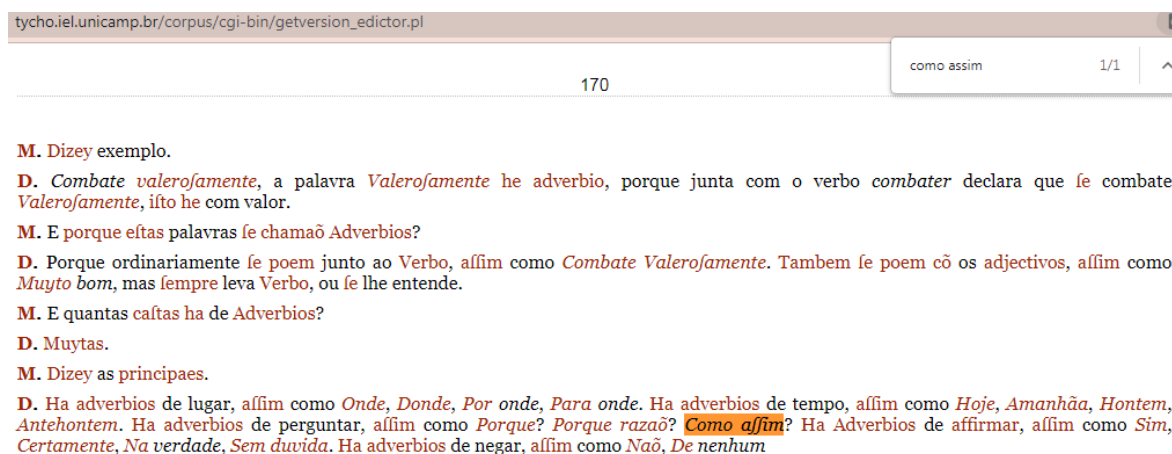
textos (3.544.628 palavras) do CTB, dos quais 58 estão hoje com anotação morfológica (resultando num total de 2.280.819 palavras) e 27 textos contêm anotação sintática (correspondendo a 1.234.323 palavras). Vale ressaltar que os autores constituintes do *corpus* são nascidos entre 1380 e 1978.

Galves (2019) afirma que, com o crescimento do CTB, foi possível realizar um trabalho detalhado de descrição da distribuição dos padrões sentenciais do português. Ainda, a autora afirma que muitas conclusões importantes para a compreensão da diacrônica da língua portuguesa só foram obtidas em função do CTB, o qual possibilita uma comparação fenômenos com base em dados numerosos, processáveis e confiáveis.

2 CAPÍTULO 2: METODOLOGIA

Nosso primeiro passo metodológico foi a realização de uma busca manual texto por texto, nos 88 textos presentes no *corpus*. Portanto, abrimos cada texto disponível no catálogo e, através de *Ctrl+F*, procuramos pela expressão *como assim*. Na sequência, observamos se os dados encontrados correspondiam à nossa meta de busca. Segue, na Figura 1, exemplo de busca em um dos textos:

Figura 1 – Exemplo de busca manual (texto a_005)



Fonte: Tycho Brahe (2023).⁹

Em seguida, para checar se com a busca texto por texto havíamos obtido um resultado correto, realizamos, também a partir da busca manual, uma pesquisa distinta, por meio do mecanismo presente no site do *corpus*. Tal mecanismo permite a realização de diferentes formas de pesquisa de dados. Na aba “Consulta aos textos etiquetados”, optamos por “Todos os textos”. Na aba ao lado, selecionamos a opção “Construir consulta graficamente”. No que se refere à aba “Escolher Etiqueta”, foi selecionada a opção “Buscar uma palavra”.

A partir disso, em um primeiro momento, realizamos a busca por precedência imediata entre *como* e *assim*, busca representada pelo símbolo “>”. Assim sendo, essa forma de pesquisa tinha como objetivo extrair dados apenas com as expressões *como* e *assim* juntas, e necessariamente com *como* antes de *assim*. Dessa forma, poderíamos checar se a primeira busca texto por texto havia coletado todas as ocorrências de *como* *assim*. Em um segundo momento, assim como nas buscas anteriores, realizamos uma

⁹ Disponível em: https://www.tycho.iel.unicamp.br/corpus/cgi-bin/getversion_edictor.pl. Acesso em 24 jan. 2023

investigação por precedência não imediata entre *como* e *assim*, sendo representado pelo símbolo “_____”.

Com esse tipo de investigação, tínhamos como propósito abrir a possibilidade de encontrar casos em que a expressão *como assim* fosse realizada com algum outro material linguístico entre *como* e *assim*. Essa busca se caracterizaria como importante para que pudéssemos apresentar uma resposta para a segunda pergunta de pesquisa que apresentamos acima, em que indaga sobre a possibilidade de *como assim* ter origem de uma expressão maior, como, por exemplo, *como isso se deu assim*. Essa averiguação teria essa utilidade, mas, ao mesmo tempo, ofereceria como resultado uma série de dados que não corresponderiam à nossa meta de pesquisa, visto que em PB as expressões *como* e *assim*, individualmente, aparecem em diferentes contextos e com diferentes funções, como vemos na Figura 5 a seguir:

Figura 5 – Busca manual sem precedência imediata entre *como* e *assim*

TÍTULO II | ALEGRIA, TRISTEZA | VIII De Teresinha de JESU.

Esta angélica menina, natural de Sanlucar, que morreu de cinco anos, havendo-lhe já nascido neste matutino crepúculo de sua idade o sol claro do uso da razão, estando enferma, e com perigo de morte, sua mãe Maria Urbina, e por esta causa mui dolorosas suas irmãs, ela só mostrava no semblante serenidade e alegria. - **Como** estás **assim** (lhe disseram elas), quando todas andamos tristes? Respondeu com donaire: Chorai, vós-outras, que tendes mãe que pode morrer: a minha, que é a Virgem MARIA, nunca há-de morrer, e por isso não choro.

Fonte: Tycho Brahe (2023)¹⁰

Todavia, após conversas pessoais com a Profa. Dra. Tatiane Macedo (Professora assistente junto à Universidade de Ciência e Tecnologia de Macau/China), especialista em linguística de *corpus*, fomos alertadas de que os mecanismos que permitiam buscas com precedência imediata e não imediata, no momento atual do *Tycho Brahe*, não contemplavam todos os *corpora*, restringindo-se àqueles que com anotação morfológica e sintática (88 textos). Dessa forma, para podermos aproveitar o máximo das potencialidades do *Tycho Brahe*, optamos por abandonar os três procedimentos anteriores (busca manual texto por texto de *como* e *assim* juntos e busca manual por precedência imediata e não imediata) e, então, fazer duas buscas manuais texto por texto separadas, uma com a expressão *como* e outra com *assim*, contemplando, portanto,

¹⁰ Disponível em: <https://www.tycho.iel.unicamp.br/corpus/cgi-bin/getversion.pl>. Acesso em 21 mar. 2023

todos os dados inseridos no *corpus* que contenham ambos os elementos que compõem a expressão *como assim*.

No que se refere às buscas da expressão *como*, para restringir o número de dados para uma seleção de dados sucessiva, selecionamos todas as ocorrências dessa expressão em sentenças interrogativas e exclamativas. A opção de selecionar sentenças exclamativas se refere à possibilidade de aparecerem ocorrências de *como assim* com ponto de exclamação, sobretudo em situações de *como assim* de incredulidade.

Uma vez obtidos os resultados com as duas buscas acima descritas, selecionamos apenas as frases que continham as expressões-alvo, mantendo um contexto textual que julgávamos suficiente para estabelecer as propriedades interpretativas de *como assim*. A seguir, apresentaremos os resultados obtidos e, na sequência, faremos uma discussão sobre eles.

3 CAPÍTULO 3 - RESULTADOS E DISCUSSÕES

Este capítulo tem como objetivo apresentar e analisar os resultados encontrados a partir dos textos inseridos no *corpus Tycho Brahe*. Ademais disso, posterior à explanação desses dados, há as considerações finais e as referências que utilizamos para a construção da nossa dissertação.

3.1 RESULTADOS

Os resultados considerados relevantes para a nossa pesquisa refletem buscas sobre *como* e *assim* feitas no CTB até a data de 16 de fevereiro de 2023. Dessa forma, restaram 21 ocorrências de *como assim*, presentes em 13 textos, que são apresentadas a seguir, negritadas, separadas por século de acordo com o nascimento do autor, além de identificadas no que se refere ao local de publicação. Para ocorrências pertencentes até o século XVIII, inserimos, na cor azul, glosas¹¹, para facilitar a compreensão do leitor.

Século XVI

Ocorrência 1
<p>Texto: f_002 - Ferreira, Antônio. Comédia do Cioso; Comédia do Fanchono (Bristo) Online edition by José Camões. http://www.cet-e-quinientos.com Autor: Antonio Ferreira (nascimento: 1528) Gênero: Teatro Local: Lisboa Ano da edição utilizada no corpus: 1622; (1562)</p>
<p>[...] Ian. Auia de auer hum espelho publico, onde se os homens vissem. Havia de haver um espelho público, onde se os homens vissem. Ard. E a que prepoíto. E a que propósito. Ian. Por escufar enganoso, q̃ estão em o mundo. Por escusar enganoso, que estão em o mundo. Ard. E pera que, se cada hum os tem em sua casa, E para quê, se cada um os tem em sua casa, Ian. E se elles nam falam verdade. E se esses não falam verdade. Ard. Da ao diabo elles amores velhos, que sempre reuerdecem. Dá ao diabo esses amores velhos, que sempre recerdecem. Ian. Como afsi? Como assim? Ard. Via lá fermofas, falava cõ fermofas, nenhuma achava q̃ merecesse o nome de fermofa, senão Liuia. Quando lhe lembra seupay, que a cinco annos que deyxou de o ver. Via lá formosas, falava com formosas, nenhuma achava que merecesse o nome de formosa, senão Lívia. Quando lhe lembra de seu pai, que há cinco annos que deixou de o ver. Ian. Esqueçalhe. Esqueça-lhe Ard. E na verdade, poíto q̃ aquella terra seja bem abaftada de bons olhos, & de boas graças, ja vereis que</p>

¹¹ Tais glosas foram retiradas do próprio site *CTB*. Nos casos em que as palavras não estavam na ortografia do português atual, realizamos as devidas adaptações.

coufa he Genoa, eu os nam vi taes quaes os ella tem.

E na verdade, posto que aquela terra seja bem abastada de bons olhos, e de boas graças, já vereis que coisa é Genoa, eu os não vi tais quais os ela tem.

[...]

Ocorrência 2

Texto: **f_002** - Ferreira, Antônio. Comédia do Cioso; Comédia do Fanchono (Bristo) Online edition by José Camões. <http://www.cet-e-quinientos.com>

Autor: Antonio Ferreira (nascimento: 1528)

Gênero: Teatro

Local: Lisboa

Ano da edição utilizada no corpus: 1622; (1562)

[...]

Pil.O Pinerfo.

Ó Pinerfo.

Pin. Onde vas?

Onde vás?

Pil. A hum negocio: mas primeyro ey de faber de ti quem era aquella dama dontem.

A um negócio: mas primeiro ei de saber de ti quem era aquela dama de ontem.

Pi.Da ho diabo. Todo ho gafto foy perdido.

Dá ao diabo. Todo o gasto foi perdido.

Pil. **Como afsi?**

Como assim?

Pi.Trazêdoa Brito cõfigo (o ã eu nã poſſo acabar de crer) faltarã cõ elle hũs bargãtes, ã lha tomarã, & ho eſpãcarã.

Trazedo-a Brito consigo (o que eu não posso acabar de crer) saltaram com ele uns bargantes, que lha tomaram, e os espacaram.

Pil. Por tua vida?

Pi.Quis nos Deos bẽ, toda a cea foy noſſã. Annibal andou toda a noyte corrẽdo a cidade feyto mouro, arrenegãdo do mar, & da terra. Ho Fanchono foy ſe per hi alem, nam ſabemos parte delle. Por onde eu ſoſpeyto que tudo foy mentira.

Quis nos Deus bem, toda a cea foi nossa. Aníbal andou toda a noite correndo a cidade feita mouro, arrenegando do mar, e da terra. O fanchono foi-se per aí além, não sabemos parte dele. Por onde eu suspeito que tudo foi mentira.

[...]

Século XVII

Ocorrência 3

Texto: **b_003** - BERNARDES, Manuel. Nova Floresta (preâmbulo de J. Pereira de Sampaio). Volume I. Porto, Livraria Lello & Irmão, 1704

Autor: Manuel Bernardes (nascimento: 1644)

Ano original do texto: 1704

Gênero: Narrativa

Local: Porto

Ano da edição utilizada no corpus: 1949

A | TÍTULO I | ABSTINÊNCIA, JEJUM | I
De Roberto, cardeal Belarmino.

[...]

Aconselhava a este santo prelado um seu amigo que, atendendo a suas graves ocupações e contínuos achaques, não jejuasse tanto e se abstinésse de sua mesma abstinência. Divertiu ele a prática, dizendo graciosamente: Jejuando eu quartas, sextas e sábados, é o menos que pode ser para me salvar. **Como assim?** (replicou outro). Olhai (respondeu o cardeal) Cristo disse que, se a nossa virtude não excedesse a dos Fariseus, não nos salvaríamos; o Fariseu jejuava dois dias na semana: logo, para eu me salvar, ao menos hei-de jejuar três.

[...]

Ocorrência 4
<p>Texto: a_005 - Argote, J. C. de. Regras da Língua Portuguesa, espelho da língua latina.../ Lisboa: Oficina da Música, 1725 Autor: Jerónimo Contador de Argote (nascimento: 1676) Ano original do texto: 1725 Gênero: Gramática Local: Lisboa Ano da edição utilizada no corpus: 1725</p>
<p>[...]</p> <p>M. Dizey exemplo. Mestre: Dizei exemplo. D. <i>Combate valorosamente</i>, a palavra <i>Valerosamente</i> he adverbio, porque junta com o Discípulo: Combate valorosamente, a palavra valorosamente é advérbio, porque junta com o verbo <i>combater</i> declara que se combate <i>Valerosamente</i>, isto he com valor. verbo combater declara que se combate valorosamente, isto é com valor. M. E porque estas palavras se chamaõ Adverbios? E por que estas palavras se chamam advérbios? D. Porque ordinariamente se poem junto ao Verbo, affim como <i>Combate</i> Porque ordinariamente se põem junto ao verbo, assim como combate <i>Valerosamente</i>. Tambem se poem cõ os adjectivos, affim como <i>Muyto bom</i>, mas valorosamente. Também se põem com os adjetivos, assim como muito bom, mas sempre leva Verbo, ou se lhe entende. Sempre leva verbo, ou se lhe entende. M. E quantas castas ha de Adverbios? E quantas castas há de advérbios? D. Muytas. Muitas. M. Dizey as principaes. Dizei as principais. D. Ha adverbios de lugar, affim como <i>Onde, Donde, Por onde, Para onde</i>. Ha Há advérbios de lugar, assim como onde, donde, por onde, para onde. Há adverbios de tempo, affim como <i>Hoje, Amanhã, Hontem, Antehontem</i>. Ha adverbios advérbios de tempo, assim como hoje, amanhã, ontem, anteontem. de perguntar, affim como <i>Porque? Porque razaõ? Como affim?</i> Ha Adverbios de de perguntar, assim como por quê? Por que razão? Como assim? Há advérbios de afirmar, affim como <i>Sim, Certamente, Na verdade, Sem duvida</i>. Ha adverbios de afirmar, assim como sim, certamente, na verdade, sem dúvida. Há advérbios de negar, affim como <i>Naõ, De nenhum modo</i>. negar, assim como não, de nenhum modo.</p> <p>[...]</p>

Século XVIII

Ocorrência 5
<p>Texto: c_005 - COSTA, José Daniel Rodrigues da. 6 Entremeses de Cordel (Recolha e fixação do texto de Luís Miguel Cintra e Jorge Silva Melo). Editorial Estampa - Serra Nova. 1973 Autor: Jose Daniel Rodrigues da Costa (nascimento: 1757) Ano original do texto: 1973 Gênero: Teatro Local: Brasil Ano da edição utilizada no corpus: 1973</p>
<p>[...]</p> <p>Mercês com o seu extracto. Basta-me só dizer-lhes qualquer pequena passagem dela e logo por aí farão o seu argumento. Nesta da primeira cena em que Mercúrio repreende Eneias de se demorar em Cartago contra as ordens de Júpter, depois de introdução da cena, lhe diz Mercúrio: ' Eneias, como assim nessa indolência Desprezando de Jove as suas ordens, Estranhando nos frívolos prazeres Desprezas de teu filho as esperanças?'</p> <p>AURÉLIA Bravo!</p>

TODOS Bravo!

[...]

Ocorrência 6

Texto: g_004 - GARRETT, Almeida. (1799-1854) Teatro: Falar verdade a mentir; As Prophecias do Bandarra e Camões do Rocío. Lisboa, Empreza da Historia de Portugal - Sociedade Editora, 1904.

Autor: J. B. da Silva L. de Almeida Garrett (nascimento: 1799)

Ano original do texto: 1845

Gênero: Teatro

Local: Lisboa

Ano da edição utilizada no corpus: 1904

[...]

SCENA X

O DESCONHECIDO, CAMÕES, e BARTHOLOMEU [*(escondido .)*]

[*(Vem do fundo esquerda, ambos embuçados e com chapéus derrubados. Descem em silencio até á bocca da scena. O Desconhecido olha de passagem para as janellas de D. Antonia .)*]

O Desconhecido [*(Indicando a direita)*] - Ás onze horas estarás com a tua gente n'aquella travessa, e vem encontrar-te comigo n'este sitio .

Camões - E nada mais?

O Desconhecido - Mais nada ... Ah! dize-me : prendeste com effeito aquelle homem?

Camões - Não senhor.

O Desconhecido [*(Colerico)*] - **Como assim!** tenho toda a certeza de que estava em casa quando o foste prender.

Camões - Ora diga-me , meu senhor; El-rei governa de telhas a baixo, ou de telhas a cima?

O Desconhecido - A pergunta é ociosa; de telhas a baixo.

Camões - Pois meu senhor, não prendi o homem porque fugiu para o telhado.

O Desconhecido [*(Rindo-se)*] - Ora esta ... ! é das tuas ... Deixaste escapar o homem porque o julgas innocente?

Camões - Sim senhor; mas agora está em meu poder prendel-o quando quizer.

O Desconhecido [*(Depois de ter reflectido)*] - Não. Esse homem tem serviços e El-rei está melhor informado ... Fizeste bem, Camões, fizeste bem; salvaste El-rei de fazer uma injustiça, e elle t'o saberá agradecer.

[...]

Ocorrência 7 e 8¹²

Texto: g_005 - Almeida Garrett. Viagens na Minha Terra (electronic edition - CD-ROM - Biblioteca Virtual de Autores Portugueses). Lisboa, Imprensa Nacional - Biblioteca Nacional, 1998

Autor: João Baptista da Silva Leitão de Almeida Garrett (nascimento: 1799)

Ano original do texto: 1998

Gênero: Narrativa

Local: Brasil

Ano da edição utilizada no corpus: 1998

[...]

Nós entrámos no café do Cartaxo, o grande café do Cartaxo; e nunca se encruzou turco em divã de seda do mais esplêndido harém de Constantinopla com tanto gozo de alma e satisfação de corpo, como nós nos sentámos nas duras e ásperas tábuas das esguias banquetas mal sarapintadas que ornaram o magnífico estabelecimento bordalengo.

Em poucas linhas se descreve a sua simplicidade clássica: será um paralelogramo pouco maior que a minha alcova; à esquerda duas mesas de pinho, à direita o mostrador envidraçado onde campeiam as garrafas obrigadas de licor de amêndoa, de canela, de cravo. Pendem do tecto, laboriosamente arrendados por não vulgar tesoura, os pingentes de papel, convidando a lascivo repouso a inquieta raça das moscas. Reina uma frescura admirável naquele recinto.

Sentámo-nos, respirámos largo, e entrámos em conversa com o dono da casa, homem de trinta a quarenta anos, de fisionomia esperta e simpática, e sem nada do repugnante vilão ruim que é tão usual de encontrar por semelhantes lugares da nossa terra.

- "Então que novidades há por cá pelo Cartaxo, ?"

- "Novidades! Por aqui não temos senão o que vem de Lisboa. - Aí está a 'Revolução' de ontem ... "

¹² Estas duas ocorrências são apresentadas juntas em função de aparecerem em um contexto de fala muito próximo.

- "Jornais, meu caro amigo! Vimos fartos disso. Diga-nos alguma coisa da terra. Que faz por cá o ..."

- "O mestre J. P. , o 'Alfageme' ?"

- **"Como assim o Alfageme ?"**

- "Chamam-lhe o Alfageme ao mestre J. P. : pois então! Uns senhores de Lisboa que aí estiveram em casa do sr. D. puseram-lhe esse nome, que a gente bem sabe o que é; e ficou-lhe, que agora já ninguém lhe chama senão o Alfageme. Mas quanto a mim, ou ele não é Alfageme, ou não o há-de ser muito tempo. Não é aquele, não. Eu bem me entendo ."

A conversação tornava-se interessante, especialmente para mim: quisemos aprofundar o caso.

- "Muito me conta, sr. patrão! Com que isto de ser Alfageme, parece-lhe que é coisa ?..."

- "Parece-me o que é, o que há-de parecer a todo o mundo. E alguma coisa sabemos, cá no Cartaxo, do que vai por ele. O verdadeiro Alfageme diz que era um espadeiro ou armeiro, cutileiro ou coisa que o valha, na Ribeira de Santarém; e que foi homem capaz, e que tinha pelo povo, e que não queria saber de partidos, e que dizia ele: - "Rei que nos enforque, e papa que nos excomungue, nunca há-de faltar. Assim, deixar os outros brigar, trabalhemos nós e ganhemos a nossa vida". Mas que estrangeiros que não queria, que esta terra que era nossa e coa nossa gente se devia de governar. E mais coisas assim: e que por fim o deram por traidor e lhe tiraram quanto tinha. - Mas que lhe valeu o Condestável e o não deixou arrasar, porque era homem de bem e fidalgo às direitas. Pois não é assim que foi ?"

Eu amo a charneca.

E não sou romanesco. Romântico, Deus me livre de o ser - ao menos, o que na algaravia de hoje se entende por essa palavra.

Ora a charneca dentre Cartaxo e Santarém, àquela hora que a passámos, começava a ter esse tom, e a achar-lhe eu esse encanto indefinível.

Sentia-me disposto a fazer versos ... a quê? Não sei.

Felizmente que não estava só; e escapei de mais essa caturrice.

Mas foi como se os fizesse, os versos, como se os estivesse fazendo, porque me deixei cair num verdadeiro estado poético de distração, de mudez - cessou-me a vida toda de relação, e não sentia existir senão por dentro.

De repente acordou-me do letargo uma voz que bradou: - "Foi aqui!... aqui é que foi, não há dúvida ."

- "Foi aqui o quê ?"

- "A última revista do imperador ."- **"A última revista! Como assim a última revista! Quando? Pois ?..."**

Então caí completamente em mim, e recordei-me, com amargura e desconsolação, dos tremendos sacrifícios a que foi condenada esta geração, Deus sabe para quê - Deus sabe se para expiar as faltas de nossos passados, se para comprar a felicidade de nossos vindouros...

O certo é que ali com efeito passara o imperador D. Pedro a sua última revista ao exército liberal. Foi depois da batalha de Almoester, uma das mais lidadas e das mais ensanguentadas daquela triste guerra.

Toda a guerra civil é triste.

E é difícil dizer para quem mais triste, se para o vencedor ou para o vencido.

Ponham de parte questões individuais, e examinem de boa fé: verão que, na totalidade de cada facção em que a nação se dividiu, os ganhos, se os houve para quem venceu, não balançam os padecimentos, os sacrifícios do passado, e menos que tudo, a responsabilidade pelo futuro...

Eu não sou filósofo. Aos olhos do filósofo, a guerra civil e a guerra estrangeira, tudo são guerras que ele condena - e não mais uma do que a outra ... a não ser Hobbes o dito filósofo, o que é coisa muito diferente.

[...]

Ocorrência 9

Texto: g_005 - Almeida Garrett. Viagens na Minha Terra (electronic edition - CD-ROM - Biblioteca Virtual de Autores Portugueses). Lisboa, Imprensa Nacional - Biblioteca Nacional, 1998

Autor: João Baptista da Silva Leitão de Almeida Garrett (nascimento: 1799)

Ano original do texto: 1998

Gênero: Narrativa

Local: Brasil

Ano da edição utilizada no corpus: 1998

[...]

O dia em que ele chegou era uma sexta-feira, dia de Fr. Dinis vir ao vale. Passaram as primeiras saudações e abraços, ficaram sós os dois, e: - "Não gosto de te ver": disse o frade. - "Pois quê? que tenho eu ?" - "Tens que vens outro do que foste, Carlos ." - "Outro venho, é verdade; mas não se enfadem de me ver, que o enfado há-de durar pouco ." - "Que queres tu dizer ?" - "Que estou resolvido a emigrar ." - "A emigrar, tu!... Porquê, para quê? Que loucura é essa ?" - "Nunca estive tanto em meu juízo ." - "Carlos, Carlos! nem mais uma palavra a semelhante respeito. Em que más companhias andaste tu, que maus livros leste, tu que eras um rapaz?...Carlos, proíbo-te de pensar nesses desvarios ." - "Proíbe-me ...

a mim ... de pensar!... Ora, senhor ..." - "Proíbo de pensar, sim. Lê no teu Horácio se estás cansado das pandectas. Vai para a eira com o teu Virgílio ... ou passeia, caça, monta a cavalo, faz o que quiseres, mas não penses. Cá estou eu para pensar por ti ." - "Porquê? eu hei-de ser sempre criança? a minha vida há-de ser esta? Horácio! tenho bom ânimo para ler Horácio agora ... e a bela ocupação para um homem de vinte e um anos, escandar jambos e troqueus ." - "Pois lê na tua bíblia, que é poesia medida na alma e que repasce o espírito e o coração ." - "Eu não quero ser frade: sabe ?" - "Nem te eu quero para frade ." - "Graças a Deus! Cuidei que... Mas enfim no século em que estamos ..." - "O século em que estamos é o da presunção e o da imoralidade: e eu quero-te livrar de uma e de outra, Carlos. Tua avó sabe as minhas tenções a teu respeito, aprova-as ..." - "Minha avó ... aprova muita coisa que eu reprovoo ." - "**Como assim, Carlos! que queres tu dizer?**" - "Isto mesmo, senhor; - e que amanhã que vou para Lisboa, embarcar para Inglaterra ." - "Carlos !" - "É uma resolução meditada e inalterável. Não quero nada com esta terra nem com esta ..." - "Com esta o quê, Carlos ?..." - "Pois quer ouvi-lo? Digo-lho, com esta casa.

[...]

Ocorrência 10

Texto: g_005 - Almeida Garrett. Viagens na Minha Terra (electronic edition - CD-ROM - Biblioteca Virtual de Autores Portugueses). Lisboa, Imprensa Nacional - Biblioteca Nacional, 1998

Autor: João Baptista da Silva Leitão de Almeida Garrett (nascimento: 1799)

Ano original do texto: 1998

Gênero: Narrativa

Local: Brasil

Ano da edição utilizada no corpus: 1998

[...]

Ela continuou: - "As tuas cartas, que não eram menos ternas nem menos apaixonadas, começaram todavia a ser menos naturais, mais encarecidas ... eram menos verdadeiras por força. Senti-o, vi-o, e cuidei morrer. Uma família da minha amizade vinha então para Portugal, acompanhei-a. Apenas cheguei, procurei e obtive os meios seguros de transitar pelos dois campos contendores: pressagiava-me o coração que me havia de ser preciso. E foi; cheguei ao vale no dia em que tu o deixavas para aquela fatal acção que te ia custando a vida. Vim-te encontrar prisioneiro e meio morto no hospital dos feridos. Ao pé de ti estava um frade ... " - "Um frade! Meu Deus, se seria ele ?" - "Era ele ." - "Pois tu sabes ?..." - "Sei: eu disse-lhe quem era e o que tu me eras ... " - "Tu a ele... disseste ?..." - "Disse. Não sei se fiz mal: ou bem, sei que me não importava o que fazia. Vi depois que me não enganara na confiança que pusera nele. Trouxemos-te para este convento, tratámos de ti, conseguimos salvar-te a vida... E enquanto esse cuidado me livrava de outros, fui ... fui feliz. A tua gente ... a tua família do vale também veio para Santarém ... tua avó e tua prima, Carlos ... " - "Joaninha! Joaninha está aqui ?" - "Está; sossega: e já to disse, logo a verás ." - "Eu! Eu para quê? Eu não quero ..." - "Quero eu: hás-de vê-la. Já sabes que sei tudo ." - "Tudo o quê, Georgina ?" - "Queres que to repita? Repetirei. Que tu amas tua prima, que ela que te adora. E por Deus, Carlos eu já lhe quero como se fora minha irmã. Entendes bem agora que te não amo? Compreendes agora que tudo acabou entre nós, e que não vejo, não posso ver em ti já senão o esposo, o marido da inocente criança que tomei debaixo da minha protecção, e a quem juro que hás-de pertencer tu ?" - "Juras falso ." - "**Como assim! Pois queres mais vítimas?** Não estás satisfeito com a minha ruína? Eu ao menos não sou do teu sangue. E essa velha decrépita que é tua avó, que duas vezes foi em verdade tua mãe porque te criou, - essa inocente que te ama na singeleza do seu coração ... e esse pobre frade velho ..." - "Oh! aqui anda ele, bem o vejo, aqui anda o génio mau da minha família. Maldito sejas tu, frade !" O desgraçado não acabara bem de pronunciar estas palavras, quando a porta da alcova se abriu de par em par, e a rígida, ascética figura de Fr. Dinis estava diante dele.

Século XIX

Ocorrência 11

Texto: p_004 - PENNA, Martins. O noviço: comedia em 3 actos. Emp. Typ. DOUS DE DEZEMBRO de P. Brito. Impressor da Casa Imperial, Rio de Janeiro, 1853

Autor: Luis Carlos Martins Penna (nascimento: 1815)

Ano original do texto: 1853

Gênero: Teatro

Local: Brasil (Rio de Janeiro)

Ano da edição utilizada no corpus: 1845

Ano da edição intermediária: 1853

[...]

MESTRE .

Esse moço foi violentamente constrangido, e o resultado é a confusão em que está a casa de Deos!

FLORENCIA .

Mil perdões, Rvm.o pelo incommodo que lhe temos dado...

MESTRE .

Incomodos?

Para elles nascemos nós... Passam desapercibidos, e de mais ficam de muros para dentro... Mas hoje houve escandalo, e escandalo publico.

AMBROSIO .

Escândalo publico?

FLORENCIA .

Como assim?

MESTRE .

O Noviço Carlos, depois de uma contenda com o D . Abbade, deo-lhe uma cabeçada, e o lançou por terra.

FLORENCIA .

Jesus, Maria, José!

AMBROSIO .

Que sacrilegio!

MESTRE .

E fugio ao merecido castigo... Fui mandado em seu alcance... Requisitei força publica, e aqui chegando, encontrei uma senhora.

[...]

Ocorrência 12

Texto: p_004 - PENNA, Martins. O noviço: comedia em 3 actos. Emp. Typ. DOUS DE DEZEMBRO de P. Brito. Impressor da Casa Imperial, Rio de Janeiro, 1853

Autor: Luis Carlos Martins Penna (nascimento: 1815)

Ano original do texto: 1853

Gênero: Teatro

Local: Brasil (Rio de Janeiro)

Ano da edição utilizada no corpus: 1845

Ano da edição intermediária: 1853

SCENA VI.

Entra Emilia com o Padre Mestre.

EMILIA .

Minha mãe, é o Sr. Padre Mestre

(*Á parte*); ave

de agouro.

FLORENCIA .

Ah!

MESTRE .

Desculpe-me, minha senhora!

FLORENCIA .

O Padre Mestre é que me ha de desculpar, se assim o recebo.

(*Senta-se na cama*).

MESTRE .

Oh!

Esteja a seu gosto... Já por lá sabe-se dos seus incomodos... Toda a cidade o sabe; tribulações deste mundo...

FLORENCIA .

Emilia, offerece uma cadeira ao Rvm.º.

MESTRE .

Sem incommodo.

(*Senta-se*).

FLORENCIA .

O Padre Mestre veio fallar comigo por mandado do Sr. D . Abbade?

MESTRE .

Não, minha senhora...

FLORENCIA .

Não?

Pois eu lhe escrevi.

MESTRE .

Aqui venho pelo mesmo motivo que já vim duas vezes.

FLORENCIA .

Como assim?

MESTRE .

Em procura do Noviço Carlos... Ah!

Que rapaz!

FLORENCIA .

Pois tornou a fugir?

[...]

Ocorrência 13

Texto: b_010: Branco, Camilo Castello. Theatro Comico: A Morgadinha de Val d'Amores; Entre a Flauta e a Viola. Porto: Viúva Moré Editora, 1871, 190 p.

Autor: Camilo Castelo Branco (nascimento: 1825)

Ano original do texto: 1871

Gênero: Teatro

Local: Porto

Ano da edição utilizada no corpus: 1869

SCENA I

TODOS OS DESCRIPTOS (GRUPO DA MORGADINHA E COSME GIRALDES)

Cosme(*com gesto de orador e com grandes pausas, á Morgadinha*)

A festa animou-se com a auspiciosa chegada de V. Ex.^a

O sol do empyreo e uma senhora bella, que é o sol dos corações sensiveis, onde

brilham, tudo reanimam. Assaz ditoso me julgo em ser o mais feliz dos mortaes que se sentem

influenciados e entusiasmados pelos lumes encantadores de V. Ex.^a

Falta, todavia, á minha completa dita a certeza de que os meus affectuosos requebros acham graça nos seus olhos.

Morgadinha(*com desdem*)

Eu não lhe acho graça nenhuma.

Cosme

Como assim, divina ingrata?

Morgadinha

Já disse ao boticario o que tinha a dizer.

Cosme

Pois o seu coração...

Morgadinha

Está dado.

Eu cá sou franca.

Não perca tempo.

Cosme

Não ha duvida que ouvi dizer que V. Ex.^a, victima d'uma allucinação, aceitava a côrte d'um esgrouinhado arcaboço que exerce as ladras funcções de escrivão da fazenda!

Heide eu, ó céos! acreditar que...

Morgadinha

Sim, snr. acredite, e faça favor de me não incommodar que eu vim á romaria para me divertir.

(*Volta-lhe as costas*)

Ó papá, quando se faz o Auto do Natal?

(*Ouve-se a musica tocando uma marcha*)

Pantaleão

É já.

Mandei vir as figuras para aqui.

Vae começar.

Ó amigos, desempachem o terreiro que chêga o espectáculo.

(*O povo retira e apinha-se entre scenas*)

Ocorrência 14

Texto: a_008 - O demonio familiar: comedia em quatro actos. Representada pela primeira vez no theatro do Gymnasio Dramatico no dia 5 de Dezembro de 1857. Rio de Janeiro: Typografia Soares & Irmão, 1858.

Autor: José de Alencar (nascimento: 1829)

Ano original do texto: 1857

Gênero: Teatro

Local: Brasil (Rio de Janeiro)

Ano da edição utilizada no corpus: 1858

SCENA VIII.

CARLOTINHA, depois HENRIQUETA.

HENRIQUETA.

(*Fóra*).

Carlotinha!

CARLOTINHA.

Henriqueta!

(*Henriqueta apparece*).

CARLOTINHA.

Ah!

Eu te esperava!

HENRIQUETA.

E tinhas razão... Mas antes de tudo! É verdade?

O que me escreveste?

CARLOTINHA.

Sim; elle te ama, e te amou sempre!

Um engano,

uma fatalidade...

HENRIQUETA.

Bem cruel! Eu perdoaria de bom grado á sorte todas as minhas lagrimas, mas não lhe perdôo o fazer-me mulher de outro!

CARLOTINHA.

Então, está decidido!

HENRIQUETA.

Eu não te disse!

Sou sua noiva!

Meu pae deo-lhe a

sua palavra.

Elle me acompanha já com direito de senhor.

Por sua causa estive quasi não vindo...

CARLOTINHA.

Como assim?

Elle recusaria...

HENRIQUETA.

Não; mas meu pae convidou-o para acompanhar-nos; e eu lembrei-me que Eduardo soffreria tanto vendo-me junto desse homem, que um momento fiquei indecisa!

CARLOTINHA.

Porque?

Elle sabe que tu não o amas.

HENRIQUETA.

Não importa!

CARLOTINHA.

Mas enfim vieste.

Fizeste bem!

HENRIQUETA.

Não sei se fiz bem.

Fui arrastada!

Creio que aos pés
do altar se elle me chamasse, eu ainda me voltaria para
dizer-lhe enquanto sou livre, que o amo, e que só a ama-
rei a elle!

Ocorrência 15

Texto: c_009. Pinheiro Chagas, Manuel. A morgadinha de Valflor: drama em 5 actos. Porto: Viúva Moré, 1869.

Autor: Manuel Pinheiro Chagas (nascimento: 1842)

Ano original do texto: 1869

Gênero: Teatro

Local: Porto

Ano da edição utilizada no corpus: 1869

[...]

D. Thereza

Muito obrigada, snr. Fernandes; aceito-os com reconhecimento.

Luiz

E' mais do que elles esperam.

São humildes como quem os fórma.

D. Thereza

Disse que eram sinceros, e isso basta.

Ah! eu sou-lhe muito afeiçoada, senhor Fernandes;

gosto muito das suas maneiras.

Isto de pintores, e poetas, costumam ser parasitas intromettidos, que não fazem senão

vêr se podem ter entrada com certa ordem; o snr. Luiz é o contrario, põe-

se no seu lugar, e não pensa senão no seu trabalho.

Por isso lhe quero mostrar a consideração em que o tenho.

(*Depois de breve pausa*).

Sabe que janta hoje á nossa meza?

Luiz, *que a ouviu altivo, e de sobr'olho franzido, com uma frieza um tanto rude.*

Não, minha senhora, não sei e espero que nunca o hei-de saber!

D. Thereza, *espantada.*

Como assim?

Luiz, *levemente ironico.*

Sei conservar-me no meu lugar.

D. Thereza

Mas sou eu que o convidado!

Luiz, *ainda mais rude.*

Eu só janto com os meus amigos, quando elles m'õ pedem.

D. Thereza, *olha para elle algum tempo em silencio e com pensativo espanto;*

depois estendendo-lhe a mão com nobreza e bondade.

Pois peço-lh'õ eu que fui amiga de sua mãe.

Luiz, *commovido e beijando-lhe a mão.*

Um pedido de V. Ex.^a é uma ordem.

D. Thereza

Acceita?

Luiz

Acceito sim, minha senhora.

(*Sáe pela porta do fundo depois de ter cumprimentado repetosamente D. Thereza*).

Ocorrência 16

Texto: c_009. Pinheiro Chagas, Manuel. A morgadinha de Valflor: drama em 5 actos. Porto: Viúva Moré, 1869.

Autor: Manuel Pinheiro Chagas (nascimento: 1842)

Ano original do texto: 1869

Gênero: Teatro

Local: Porto

Ano da edição utilizada no corpus: 1869

[...]

Luiz

Oh! minha senhora, o marquez de Pombal era um grande homem.

D. Thereza, *indignada.*

Diga antes um grande algoz.

Pedro Paulo

Não senhor, a verdade deve-se dizer, o marquez tinha boas qualidades.

D. Thereza

O mano defende-o?

Pedro Paulo

A verdade primeiro que tudo.

Por exemplo o marquez sabia conhecer as pessoas...

Olhe a mim sempre me respeitou.

Luiz

O marquez de Pombal?

Pedro Paulo

Sim senhor.

Eu e o marquez de Marialva fomos os unicos fidalgos a que elle se não atreveu.

D. Thereza

Como assim?

Pedro Paulo

Ah! não se lembra? Pois eu lhe conto. (*Luiz aproxima-se com curiosidade*)

Foi por ocasião da historia dos tiros.

Todas as pessoas que frequentavam a casa do duque d'Aveiro foram catrafiladas.

Eu que tambem apparecia por lá, caí na rede.

Levaram-nos a casa de Sebastião de Carvalho, porque elle queria-nos interrogar.

Eu ia decidido negar a tudo, e estava com uma cara de poucos amigos, quando o homemse chegou ao pé de mim, e perguntou-me:« Como se chama?»

Pedro Paulo de Faria Azevedo Silva Paes Mattoso, respondi eu com voz de trovão.

Elle parece que me tomou respeito, porque me deitou a luneta perguntando-

me: Sabe lêr e escrever? Não senhor, tornei eu.

D. Thereza, *levantando as mãos ao céu.*

Pois o mano disse isso?

Pedro Paulo

Disse sim senhora, em primeiro logar porque eu não lhe queria das satisfações, em

segundo logar porque não costumo gabar-me das prendas de que não faço uso.

D. Thereza, *encolhendo os hombros.*

Ih! Jesus.

Pedro Paulo

Elle ficou por tal Xavier, manda soltar este senhor, e que ninguem lhe toque d'aqui em

diantefórma atarantado que se voltou para o irmão, e disse-lhe assim: Francisco .

Este fidalgo deve ser conservado, como um monumento...

um monumento quê, Bernardo?

[...]

Ocorrência 17

Texto: m_005 - O regente : tragedia em 12 quadros / original de Marcellino Mesquita. - Lisboa : António Maria Pereira, 1897. - 141, [2] p. ; 18 cm.

Autor: Marcelino Mesquita (nascimento: 1856)

Ano original do texto: 1897

Gênero: Teatro

Local: Lisboa

Ano da edição intermediária utilizada no corpus: 1897

[...]

1.º Popular.—

Sabeis que se está fortificando, em casa o arcebispo?

1.º Escudeiro.—

Como assim?

1.º Popular.—

O palacio pega com a muralha do castello...

1.º Escudeiro.—

Sei.

1.º Popular.—

Pois abriu serventia interior para uns cubellos, de que se apossou, juntos á porta de Martim Moniz, armou os creados e poz roldas.

1.º Escudeiro.—

O arcebispo joga a vida se o povo o sabe.
 Não se lembrará do que aconteceu ao antecessôr, no tempo de El-Rei D. Fernando?
 (*Aponta uma torre da Sé*).
1.º Popular.—
 Que veiu d'ali abaix.

[...]

Ocorrência 18

Texto: m_005 - O regente : tragedia em 12 quadros / original de Marcellino Mesquita. - Lisboa: António Maria Pereira, 1897. - 141, [2] p. ; 18 cm.

Autor: Marcellino Mesquita (nascimento: 1856)

Ano original do texto: 1897

Gênero: Teatro

Local: Lisboa

Ano da edição intermediária utilizada no corpus: 1897

[...]

Regente.—

Padre, socegai a consciencia!

Os nossos punhaes estão na bainha e não é na sua lamina feita para inimigos que acharemos a morte!

Juraremos morrer pela Justiça, um attributo de

Deus; vamos pedil-a e tendo-

a, não morreremos! Com honra, Deus nos dê longos annos de vida, porque a terra é a natural morada do homem enquanto envolto na carne! N'ella temos os fructos do nosso amor e do nosso sangue!

O Prior.—

Deus proteja a vossa causa e illumine a vossa alma.

Eu vos absolvo em nome do Padre do Filho e do Espirito Santo.

(*Levantam-se*).

Dignai-vos esperar-me um instante.

(*Sahe*).

Regente.—

Tudo está prompto; o corpo e a alma.

Avranches.—

Assim é de jus para a grande viagem, se nos fôr mister.

Bem maior será do que a outra que fizestes e coisa será de vêr que menos lustre vos dará do que a primeira.

Regente.—

Como assim?

Avranches.—

Não haverá chronista que a imprima.

Regente.—

Decerto.

« Esta é a viagem d'onde romeiro algum jámais voltou.»

[...]

Século XX

Ocorrência 19

s_006 - SACALDASSY, Paulo. Fulana, Sicrana e Beltran, 2007.

Autor: Paulo Sacaldassy (nascimento: 1966)

Ano original do texto: 2007

Gênero: Teatro

Local: Brasil

Ano da edição utilizada no corpus: 2007

[...]

FULANA .

E você, Beltrana?

Não vai dizer que também faz parte da turma das separadas como a gente?

BELTRANA .

Já fui!
 Mas, hoje estou casadinha de novo!
SICRANA.
 Mas, não por muito tempo, não é?
FULANA.
 Que isso, já tá de olho no marido da outra, Sicrana?
SICRANA.
 Eu não!
FULANA.
 E quanto tempo de casamento?
BELTRANA.
 Com esse?
FULANA.
Como assim, com esse?
SICRANA.
 É que nossa amiga gosta muito de casar!
FULANA.
 Verdade?
BELTRANA.
 Ela fala isso, só porque estou no quarto casamento!

[...]

Ocorrência 20

g_012: GUSTAVO, Paulo. Minha mãe é uma peça. Rio de Janeiro: Editora Objetiva. 2015.

Autor: Paulo Gustavo Amaral Monteiro de Barros (nascimento: 1978)

Ano original do texto: Escrita em 2006, publicada em 2015.

Gênero: Teatro

Local: Brasil

Ano da edição utilizada no corpus: 2015.

[...]

HERMÍNIA. Juliano, você tá fazendo merda! Deixa eu te ajudar.

CHEFE. Quem é a senhora?

HERMÍNIA. Sou dona Hermínia, mãe de... quer dizer, secretária de Juliano. Tô vendo que ele tá sendo idiota já logo no início. Então eu vim aqui propor, se o senhor me permitir, de vir com ele nas três primeiras semanas de trabalho dele. Ajudo ele aqui na agência até ele deixar de ser um imbecil e dar prosseguimento aos trabalhos sozinho. Porque eu preciso que ele saia de casa.

CHEFE. **Como assim “precisa que ele saia de casa”? A senhora não é secretária dele?**

HERMÍNIA. Sou secretária, mãe... enfim, faço de tudo. Porque mãe não deixa de ser secretária, e secretária não deixa de ser mãe, né? Não vou discutir sobre isso com o senhor porque não sou grossa. E isso não te interessa. Para de me enrolar e vamos ao que interessa. O senhor dá esse emprego pra ele, pra ele sair de casa?

HERMÍNIA. Olha, funcionou que foi uma beleza. Na mesma hora o chefe parou de ficar rindo das bobearas do Juliano. Ficou sério. Aí falou que a gente já podia ir embora. Quer dizer, nem precisou Juliano falar mais nada. E o melhor foi a frase que o chefe do Juliano usou para se despedir. Falou “a gente entra em contato”. Gente, e quem é que pode deixar de acreditar em um chefe de agência de publicidade?

[...]

Ocorrência 21

g_012: GUSTAVO, Paulo. Minha mãe é uma peça. Rio de Janeiro: Editora Objetiva. 2015.

Autor: Paulo Gustavo Amaral Monteiro de Barros (nascimento: 1978)

Ano original do texto: Escrita em 2006, publicada em 2015.

Gênero: Teatro

Local: Brasil

Ano da edição utilizada no corpus: 2015.

[...]

JULIANO. Pô, mãe! Eu não tenho nada com isso, não!

HERMÍNIA. Só pode ser você, Juliano! Nem vem de palhaçada! Vai dizer que é Marcelina? Aquela menina gorda daquele jeito não pode tá metida nisso!

JULIANO. Pois a senhora deveria ficar mais esperta. Ela tá justamente numa escalada agora. Teu sexto sentido falhou, é?

HERMÍNIA.
Juliano, deixa de ser sonso! Não brinca com essas coisas! Marcelina numa escalada? Tão usando guindaste agora em escalada, é?

Vai ver que é aquele carvalho, usado em carnaval. Só se for, porque ela não tem condições. Você jura?

HERMÍNIA. Liga pra ela pra ver. Eu vou dar uma saída pra respirar, porque a senhora me deu um susto agora. Fui, mãe!

HERMÍNIA. Eu não acredito nisso! O que essa garota vai fazer em curso de escalada, gente? Escalada é coisa pra magro, gente! Tô nervosa agora. Vai que essa garota arrebenta uma corda, arrasta uma coisa. Se ela cair de uma montanha e atingir o chão, vai causar o primeiro terremoto no Brasil. Não pode! Eu vou ligar pra ela.

HERMÍNIA. Marcelina, por que você tá metida com negócio de montanha? **Como assim “como é que eu sei”?!** Entrei no seu quarto e achei essa merda de curso de escalada. Se você morrer agora, você me cria um problema.

Eu tô num nível de dureza que eu não tenho dinheiro pra te enterrar. Vou ter que te enterrar no quintal da sua avó até as coisas melhorarem. Quem mandou você se meter nisso aí? Chama o instrutor. Sai daí de onde você tá. Você tá o quê? Você tá presa? Presa na pedra? Marcelina? Eu vou morrer, gente! Chama o instrutor! Põe ele na linha aí comigo!

HERMÍNIA. Ô, garoto! Você não tem vergonha, não? Se juntar com um monte de gente inocente e botar garoto pra pular de montanha? Por que você não se taca daí, seu idiota? Se minha filha ficar entalada na pedra, eu vou entalar um soco dentro da sua cara, por me largar nervosa aqui dentro de casa. Chama a Marcelina aí!

[...]

Considerando os contextos de ocorrência de *como assim* acima apresentados, chegamos às classificações dos usos da expressão que são apresentadas no Quadro 1 a seguir, em que constam, além das leituras que identificamos, as informações relevantes sobre cada texto selecionado.

QUADRO 1: Leituras das ocorrências de *como assim* encontradas no CTB

Ocorrência	Ano de nascimento do autor	Local de publicação	Gênero	Interpretação de <i>como assim</i>
1	1528	Lisboa	Teatro	Elucidativo
2	1528	Lisboa	Teatro	Elucidativo
3	1644	Porto	Narrativa	Elucidativo
4	1676	Lisboa	Gramática	Causa
5	1757	Brasil	Teatro	Causa
6	1799	Lisboa	Teatro	Causa
7	1799	Brasil	Narrativa	Elucidativo
8	1799	Brasil	Narrativa	Incredulidade
9	1799	Brasil	Narrativa	Incredulidade
10	1799	Brasil	Narrativa	Incredulidade
11	1815	Rio de Janeiro	teatro	Elucidativo
12	1815	Rio de Janeiro	teatro	Elucidativo
13	1825	Porto	teatro	Incredulidade
14	1829	Rio de Janeiro	teatro	Causa
15	1842	Porto	teatro	Incredulidade

16	1842	Porto	teatro	Elucidativa
17	1856	Lisboa	teatro	Causa
18	1856	Lisboa	teatro	Elucidativa
19	1966	Brasil	teatro	Elucidativa
20	1978	Brasil	teatro	Incredulidade
21	1978	Brasil	teatro	Incredulidade

Fonte: elaborado pelas autoras (2023)

Como se observa, encontramos, no CTB, a presença das leituras elucidativa, de causa e de incredulidade para *como assim*, ao passo que não foram identificados casos de leitura de motivação.

No que se refere a esse quadro de interpretações, parece-nos interessante fazermos algumas observações levando em conta as leituras para *como assim* hipotetizadas por Guessier *et al* (2020).

A primeira observação se refere à ocorrência 4, repetida a seguir:

Ocorrência 4

[...]

M. E quantas castas ha de Adverbios?

[E quantas castas há de advérbios?](#)

D. Muytas.

[Muitas.](#)

M. Dizey as principaes.

[Dizei as principais.](#)

D. Ha adverbios de lugar, affim como *Onde, Donde, Por onde, Para onde*. Ha

[Há advérbios de lugar, assim como onde, donde, por onde, para onde. Há](#)

adverbios de tempo, affim como *Hoje, Amanhã, Hontem, Antehontem*. Ha adverbios

[advérbios de tempo, assim como hoje, amanhã, ontem, anteontem.](#)

de perguntar, affim como *Porque? Porque razão? Como affim?*

[...]

Tal como especificado no Quadro 1, esse texto pertence ao gênero gramática. Nele, o tópico tratado são os advérbios. Como não se trata de um verdadeiro uso de *como assim*, mas de uma menção dessa expressão, não somos capazes de avaliar com precisão a leitura envolvida. Por outro lado, o conteúdo do texto nos dá algumas pistas sobre a interpretação que está sendo feita em conta: *como assim* é elencado juntamente com sintagmas de pergunta. Disso, concluímos que as leituras envolvidas poderiam ser ou de causa ou de motivação. Considerando que *como assim* é colocado ao lado de sintagmas como *porque* e *porque razão*, nossa tendência é assumir que tal uso de *como assim* envolve leitura de causa.

Algumas observações devem ser feitas também em relação à ocorrência 6, repetida abaixo:

Ocorrência 6

[...]

Camões - E nada mais?

O Desconhecido - Mais nada ... Ah! dize-me : prendeste com effeito aquelle homem?

Camões - Não senhor.

O Desconhecido [(*Colérico*)] - **Como assim!** tenho toda a certeza de que estava em casa quando o foste prender.

Camões - Ora diga-me , meu senhor; El-rei governa de telhas a baixo, ou de telhas a cima?

O Desconhecido - A pergunta é ociosa; de telhas a baixo.

Camões - Pois meu senhor, não prendi o homem porque fugiu para o telhado.

[...]

Ao analisar o contexto em que se insere *como assim*, vemos que os dois personagens discutem sobre alguém, mais especificamente um homem, que deveria ter sido preso. Quando o personagem *O Desconhecido* utiliza a expressão *Como assim!* ao questionar *Camões* em relação ao motivo de ele não ter prendido tal homem, vemos que *Camões*, mais abaixo, explica ao *Desconhecido* o motivo de não ter prendido o homem: *Pois meu senhor, não prendi o homem porque fugiu para o telhado*. O uso de *porque* na resposta serve a comprovar que o que está em jogo nesse caso é a leitura de causa.

Como vimos no tópico 1.5, segundo Guessier *et al* (2020), as leituras de causa e de motivação envolvem um traço de incredulidade. Na ocorrência 6, a presença desse traço para a leitura de causa fica comprovada pelo uso do adjetivo *colérico*. Mais especificamente, o fato de o homem sobre o qual se fala não ter sido preso cria uma contraexpectativa, uma incredulidade, em *O Desconhecido*, o que o leva a sentir cólera. Muito importante aqui também é o uso do ponto exclamativo, já que a exclamatividade exprime surpresa, o que reforça o traço de incredulidade no uso de *como assim* de causa.

A ocorrência 6, em suma, se apresenta como interessante pois serve para comprovar tanto a existência da leitura de causa para *como assim* quanto o traço de incredulidade que o sintagma carrega nessa leitura.

Consideremos agora a ocorrência 9

Ocorrência 9

[...]

O século em que estamos é o da presunção e o da imoralidade: e eu quero-te livrar de uma e de outra, Carlos. Tua avó sabe as minhas tenções a teu respeito, aprova-as ..." - "Minha avó ... aprova muita coisa que eu reprovó ." - "**Como assim, Carlos! que queres tu dizer?**" - "Isto mesmo, senhor; - e que amanhã que vou para Lisboa, embarcar para Inglaterra ." - "Carlos!" - "É uma resolução meditada e inalterável.

Não quero nada com esta terra nem com esta ..." - "Com esta o quê, Carlos ?..." - "Pois quer ouvi-lo? Digo-lho, com esta casa.

[...]

Nesse caso, inicialmente o personagem que fala com Carlos e, ao proferir *Como assim, Carlos!*, o faz com o propósito de exprimir uma contraexpectativa, o que é reforçado pelo uso do ponto de exclamação, levando-nos a classificar o uso de *como assim* da ocorrência 9 como de incredulidade. Na sequência, o mesmo personagem pede esclarecimentos adicionais, com *que queres tu dizer?*. Isso poderia criar uma certa confusão sobre a leitura de *como assim* em jogo, levando-nos a pensar na leitura elucidativa. Porém, o fato de Carlos responder ao questionamento do seu interlocutor com uma confirmação (*Isto mesmo, senhor;*) nos leva a classificar tal ocorrência de como envolvendo leitura de incredulidade.

Ainda quanto à leitura de incredulidade, consideremos as ocorrências 15 e 21:

Ocorrência 15

[...]

D. Thereza

Disse que eram sinceros, e isso basta.

Ah! eu sou-lhe muito afeiçoada, senhor Fernandes;
gosto muito das suas maneiras.

Isto de pintores, e poetas, costumam ser parasitas intrometidos, que não fazem senão vê se podem ter entrada com certa ordem; o snr. Luiz é o contrario, põe-se no seu lugar, e não pensa senão no seu trabalho.

Por isso lhe quero mostrar a consideração em que o tenho.

(Depois de breve pausa).

Sabe que janta hoje á nossa meza?

Luiz, que a ouviu altivo, e de sobr'olho franzido, com uma frieza um tanto rude.

Não, minha senhora, não sei e espero que nunca o hei-de saber!

D. Thereza, *espantada*.

Como assim?

Luiz, *levemente ironico*.

Sei conservar-me no meu logar.

D. Thereza

Mas sou eu que o convido!

Luiz, *ainda mais rude*.

Eu só janto com os meus amigos, quando elles m'ó pedem.

[...]

Ocorrência 21

[...]

JULIANO. Pô, mãe! Eu não tenho nada com isso, não!

HERMÍNIA. Só pode ser você, Juliano! Nem vem de palhaçada! Vai dizer que é Marcelina? Aquela meni nagorda daquele jeito não pode tá metida nisso!

JULIANO. Pois a senhora deveria ficar mais esperta. Ela tá justamente numa escalada agora. Teu sexto sentido falhou, é?

HERMÍNIA.

Juliano, deixa de ser sonso! Não brinca com essas coisas! Marcelina numa escalada? Tão usando guindast e agora em escalada, é?

Vai ver que é aquele carvalhão, usado em carnaval. Só se for, porque ela não tem condições. Você jura? HERMÍNIA. Liga pra ela pra ver. Eu vou dar uma saída pra respirar, porque a senhora me deu um susto agora. Fui, mãe!

HERMÍNIA. Eu não acredito nisso! O que essa garota vai fazer em curso de escalada, gente? Escalada é coisa pra magro, gente! Tô nervosa agora. Vai que essa garota arrebenta uma corda, arrasta uma coisa. Se ela cair de uma montanha e atingir o chão, vai causar o primeiro terremoto no Brasil. Não pode! Eu vou ligar pra ela.

HERMÍNIA. Marcelina, por que você tá metida com negócio de montanha? **Como assim**

“como é que eu sei”?! Entrei no seu quarto e achei essa merda de curso de escalada. Se você morrer agora, você me cria um problema.

Eu tô num nível de dureza que eu não tenho dinheiro pra te enterrar. Vou ter que te enterrar no quintal da sua avó até as coisas melhorarem. Quem mandou você se meter nisso aí? Chama o instrutor. Sai daí de onde você tá. Você tá o quê? Você tá presa? Presa na pedra? Marcelina? Eu vou morrer, gente! Chama o instrutor! Põe ele na linha aí comigo!

HERMÍNIA. Ô, garoto! Você não tem vergonha, não? Se juntar com um monte de gente inocente e botar garoto pra pular de montanha? Por que você não se taca daí, seu idiota? Se minha filha ficar entalada na pedra, eu vou entalar um soco dentro da sua cara, por me largar nervosa aqui dentro de casa. Chama a Marcelina aí!

[...]

Na ocorrência 15, a expressão de incredulidade é reforçada pelo fato de que a personagem *D. Thereza*, antes de proferir *Como assim?*, é qualificada pelo narrador como *espantada*. Já no caso da ocorrência 21, são falas anteriores da personagem Hermínia que reforçam a incredulidade, como em *Eu não acredito nisso!* e em *Tô nervosa agora*.

Guessser, Sousa e Kédochim (2019) observam que, estruturas com *como assim*, de incredulidade, além de servirem para exclusivamente expressar uma contraexpectativa do falante, se caracterizam por atuar sobre uma informação dada no contexto pragmático-discursivo, ou seja, sobre uma sequência topicalizada. O fato de que *como assim* de incredulidade atue sobre uma sequência topicalizada daria conta do fato de termos ocorrências como a em (96), em que *como assim* pode co-ocorrer com outra expressão-wh.

(96) A : O João está estudando para ser um endocrinologista.

B : O que um endocrinologista faz?

A : Como assim o que um endocrinologista faz? (Você, com tantos anos de estudo, devia saber o que um endocrinologista faz)

B : Sim, eu não sei o que um endocrinologista faz. Não sou obrigado a saber tudo.

(GUESSER, SOUSA, KÉDOCHIM, 2019, p. 111)

É exatamente isso o que ocorre na ocorrência 21: *como assim* atua sobre uma sequência topicalizada que, por sua vez, contém uma outra expressão-wh, *como*: *Como assim “como é que eu sei”?!*.

Guessser, Sousa e Kédochim (2019), observam que, em estruturas com *como assim*, essa expressão pode ser precedida por vocativos (97) e por sintagmas topicalizados (98):

(97) Pedro: O Paulo chutou o cachorro.

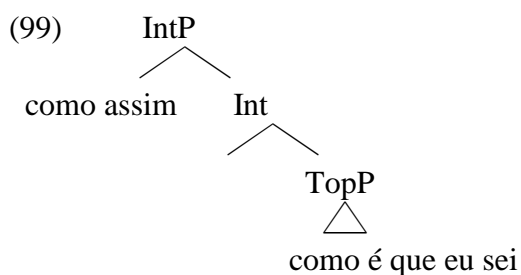
Joana: Pedro, como assim o Paulo chutou o cachorro?

(98) Pedro: O Paulo chutou o cachorro.

Joana: O cachorro_i, como assim o Paulo chutou ele_i ?

Pedro: Pois é, ele fez isso.

Considerando a hierarquia cartográfica do sistema CP (RIZZI,1997; 2001; RIZZI; BOCCI, 2016), tal como discutimos no primeiro capítulo, as autoras propõem que *como assim* seja inserido abaixo de ForceP, mais precisamente, em Spec de IntP. IntP seleciona como seu complemento uma projeção de TopP, que alojará um *Speech Act* sobre o qual se pede uma confirmação. Visto que, como já dito, Rizzi (2001) explica que é no núcleo de Int onde os elementos-wh alojam-se. Estes, que têm a função de advérbios altos como o *como assim*. Dessa forma, tendo em mente a análise das autoras, podemos atribuir à sentença da ocorrência 21 a representação a seguir, em que *como é que eu sei*, que corresponde a um ForceP, é alojado em Spec de TopP :



Vejamos agora um caso de *como assim* elucidativo, por meio da ocorrência 16:

Ocorrência 16

[...]

Luiz

Oh! minha senhora, o marquez de Pombal era um grande homem.

D. Thereza, indignada.

Diga antes um grande algoz.

Pedro Paulo

Não senhor, a verdade deve-se dizer, o marquez tinha boas qualidades.

D. Thereza

O mano defende-o?

Pedro Paulo

A verdade primeiro que tudo.
 Por exemplo o marquez sabia conhecer as pessoas...
 Olhe a mim sempre me respeitou.

Luiz

O marquez de Pombal?

Pedro Paulo

Sim senhor.

Eu e o marquez de Marialva fomos os unicos fidalgos a que elle se não atreveu.

D. Thereza

Como assim?

Pedro Paulo

Ah! não se lembra? Pois eu lhe conto. (*Luiz aproxima-se com curiosidade*)

Foi por ocasião da historia dos tiros.

[...]

Nessa ocorrência, os falantes conversam acerca do Marquez de Pombal. Ao analisar o contexto, vemos que Pedro Paulo defendia as qualidades do Marquez, fato que não era tão bem aceito por D. Thereza. Quando Pedro Paulo afirma: *Eu e o marquez de Marialva fomos os unicos fidalgos a que elle se não atreveu,* D. Thereza profere um *Como assim?*, pedindo mais informações sobre o que foi proferido anteriormente. Temos, portanto, uma leitura elucidativa, o que fica comprovado pelo fato de que, no instante em que *Pedro Paulo* diz que vai dar esclarecimentos para seus interlocutores, o narrador afirma que *Luiz aproxima-se com curiosidade*, o que mostra que novas informações seriam dadas para sanar certas curiosidades.

Tendo apresentado os resultados de nossa busca no CTB, a seguir faremos uma discussão desses resultados face às perguntas de pesquisa que nos propusemos a responder.

3.2 DISCUSSÕES

Conforme discutimos no primeiro capítulo, nosso estudo sobre estruturas com *como assim* colocou como meta responder a cinco perguntas, as quais são novamente elencadas a seguir:

a) quão recente é o uso de estruturas interrogativas com *como assim* no português?;

Em relação ao primeiro questionamento, sobre quão antigo é uso de estruturas interrogativas com *como assim*, ressaltamos, no primeiro capítulo, que, no PB atual, *como assim* se vincula a contextos informais de fala e escrita. Isso nos levaria a pressupor que o uso de estruturas com esse sintagma poderia ser um fenômeno recente da história do português. Tal ideia, porém, cai por terra com os dados que encontramos

em nossas buscas no CTB, uma vez que interrogativas com *como assim* aparecem já em textos portugueses, com sua ocorrência mais antiga (ocorrência 1) se inserindo no século XVI, com texto de autor nascido em 1528¹³.

Um aspecto que consideramos importante ressaltar se refere à ocorrência 4, que discutimos na anteriormente e que consiste em texto de gramática. Sabemos que textos de gramática, sobretudo os mais antigos, são conservadores, resistentes a incorporações trazidas de contextos informais da língua falada. Dessa forma, *como assim* aparece em uma gramática de um autor nascido em 1528, isso mostra que muito anteriormente ao período de nascimento desse autor *como assim* já vinha sendo amplamente utilizado.

Com isso, embora não possamos, com nossa pesquisa, estabelecer com exatidão o século de emergência de estruturas interrogativas com *como assim*, podemos com certeza afirmar que se trata de uma estrutura antiga do português¹⁴.

b) do ponto de vista estrutural, o que os dados de *corpora* podem nos dizer sobre o sintagma interrogativo *como assim*? Seria essa um sintagma simples, como *o que, como, etc.*, ou algo mais complexo, derivado de uma expressão como *como isso se deu assim*?

Sobre a segunda pergunta, neste trabalho, não conseguimos atribuir-lhe uma resposta, dado que não encontramos ocorrências de *como assim* com material adicional entre *como* e *assim*. Considerando que, como constatamos através dos dados do CTB, *como assim* é de uso antigo na história do português, é possível que um estudo de *corpora* portugueses, mais antigos que o CTB, possam ser reveladores quanto a essa questão.

c) as produções atestadas em *corpora* confirmam as leituras apontadas para tal sintagma no estudo experimental de Guessier *et al* (2020)?

Passando para a terceira questão, nossos resultados mostraram o um uso de três das leituras hipotetizadas pelo estudo de Guessier *et al* (2020). Mais especificamente, contatamos 5 ocorrências de leitura de causa, 7 de incredulidade e 9 de interpretação elucidativa. Não encontramos ocorrências de *como assim* com leitura de motivação. Entretanto, quando dizemos que uma leitura não foi encontrada nas ocorrências

¹³ É importante ressaltar que encontramos uma ocorrência gramatical de *como assim* no século XV, mais precisamente no ano de 1496. Entretanto, na nossa avaliação, não se trata de uso de *como assim*, mas a expressão *como* seguido de *assim, esse, nossa*.

¹⁴ Nesse contexto, seria interessante pesquisar se *como assim* continuou sendo mencionado em outras gramáticas do português. No que se refere ao português do Brasil, nossa visão inicial é que esse sintagma é completamente ignorado em gramáticas.

analisadas, não podemos dizer que ela não possa existir, visto que ausência de evidência não significa evidência de ausência. Nesse sentido, novas buscas, em outros *corpora*, seriam importantes para investigar o caso da leitura de motivação.

d) Considerando que os textos analisados contemplam dados do século XVI ao século XXI, haveria fases da história do português em que apenas algumas leituras apontadas por Guessier *et al* (2020) eram veiculadas?;

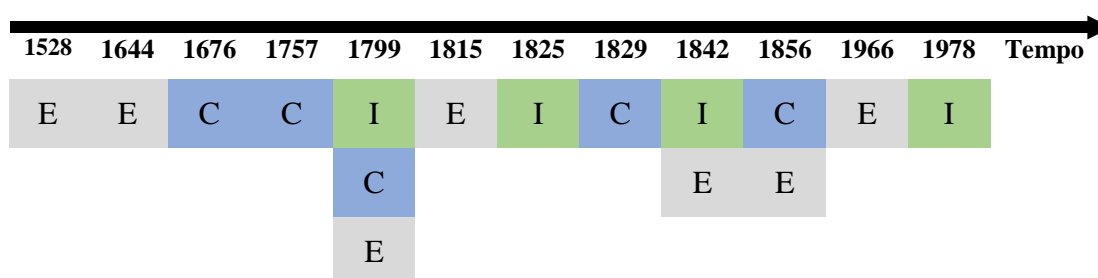
No que toca à quarta pergunta, consideremos o quadro e a linha do tempo a seguir:

QUADRO 2: período de produção das diferentes leituras de *como assim* encontradas no CTB

Interpretação de <i>como assim</i>	Ano de nascimento do autor do texto
Causa	1676, 1757, 1799, 1829, 1856
Incredulidade	1799, 1825, 1842, 1978
Elucidativo	1528, 1644, 1799, 1815, 1842, 1856, 1966

Fonte: elaborado pelas autoras (2023)

QUADRO 3: Linha do tempo dos períodos de produção das diferentes leituras de *como assim* encontradas no CTB



Fonte: elaborado pelas autoras (2023)

E = Elucidativa

C = Causa

I = Incredulidade

Como podemos observar, as três leituras encontradas começam a aparecer nos textos do CTB no final XVIII. Assim, pelo menos nos dados da história do português que vai dos séculos XVI ao XXI, percebemos que a leitura elucidativa de *como assim* é

privilegiada em comparação com as outras duas. Novamente, acreditamos que o acesso a textos mais antigos podem contribuir para reforçar ou refutar essa nossa constatação.

Essa quarta pergunta de pesquisa nos pareceu interessante porque, como vimos, há casos em que diferentes leituras de *como assim* compartilham traços. Mais especificamente, as leituras de causa e motivação, segundo Guessier *et al* (2020), têm agregadas à sua semântica principal de causa ou motivação o traço de contraexpectativa e de incredulidade. Incredulidade, por outro lado, é o traço central de estruturas com *como assim* de incredulidade. Dessa forma, um questionamento que nos pareceu válido seria se alguma dessas leituras teria se originado a partir de outra. Em outras palavras, tal questionamento serviria para responder se *como assim* de causa e motivação surgiram a partir do *como assim* de incredulidade, com a adição de traços interpretativos, ou, do contrário, *como assim* de incredulidade surgiu de usos de causa e motivação, com a perda dos traços centrais dessas leituras, restando apenas o traço de incredulidade. Nossos dados, porém, mostram que, no que se refere às interpretações de incredulidade e causa, esse não parece ser o caso, já que essas leituras muitas vezes aparecem juntas nos diferentes séculos pesquisados.

Ligada a essa questão, poderíamos pensar que algo diferente possa estar em jogo na leitura de motivação. Não seria o caso de essa leitura ser um fenômeno mais recente do português (brasileiro), de forma que não apareça ainda em textos escritos, mas já esteja na intuição linguística dos falantes?

e) Há alguma outra leitura veiculada por *como assim* além daquelas apontadas no estudo de Guessier *et al* (2020)?

Por fim, nossa quinta pergunta de pesquisa era saber se, nos *corpora* investigados, haveria ocorrências de *como assim* com leituras diferentes daquelas apontadas no estudo de Guessier *et al* (2020). Nesse caso, a resposta é não, visto que todas as ocorrências encontradas se enquadravam dentro das leituras ou de causa, ou incredulidade ou elucidativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho foi realizar um estudo sobre estruturas com *como assim*, contribuindo com um projeto mais amplo, que envolve também uma investigação de perguntas com o sintagma *por que*. Nosso foco se colocou sobre a origem do uso das

estruturas que contêm *como assim*, sobre origem estrutural do sintagma *como assim* propriamente dito e sobre as leituras veiculadas por sentenças com tal sintagma.

Para realizarmos essa empreitada, inicialmente apresentamos nossas bases teóricas. Assim, no primeiro capítulo, abordamos a estrutura fina do sistema CP, a partir das ideias de Rizzi (1997; 2001) e Rizzi e Bocci (2017), já que estruturas com *como assim* envolvem o sistema CP. Em seguida, apresentamos, através do trabalho de Dayal (2016), a definição de pergunta com a qual estivemos lidando. Ou seja, assumimos que um ato de questionar ocorre quando o falante, ao questionar seu interlocutor sobre uma proposição *p*, não sabe a verdade sobre *p*, quer saber a verdade sobre *p* e acredita que seu interlocutor sabe sobre a verdade de *p*.

Na sequência, abordamos o Critério-wh, proposto por Rizzi (1997) e, em conexão, recorrendo a Mioto (1994; 2001) e Kato e Mioto (2005), versamos o quadro das interrogativas-wh em PB e discutiremos como essas satisfazem o Critério-wh. Ainda no mesmo capítulo passamos a tratar das estruturas com *como assim*, tendo como aspecto central suas possíveis leituras e, ligado a essa discussão, abordamos também as nossas perguntas de pesquisa, que foram respondidas por meio de buscas no CTB, sobre o qual falamos no tópico seguinte. Após a apresentação da metodologia, esta, inserida no segundo capítulo deste trabalho, aborda sobre a coleta de dados. Em seguida, no terceiro capítulo apresentamos nossos resultados.

Como vimos, uma primeira constatação que tivemos foi que, embora no PB atual estruturas com *como assim* sejam restritas à informalidade de fala e da escrita, isso não quer dizer que se tratam de estruturas recentes na história do português, haja vista que, nos nossos dados, estruturas interrogativas com *como assim* aparecem em textos escritos desde o século XVI (PE), sendo registrada, no século XVII (PE), em um texto de gramática como advérbio de pergunta. Como afirmamos, nossa pesquisa não é capaz de estabelecer com precisão o século de emergência de estruturas interrogativas com *como assim*, mas consegue mostrar que o uso dessas estruturas é bastante antigo.

Nosso estudo não foi capaz de fornecer pistas sobre a origem estrutural do sintagma *como assim*, visto que não foram encontrados, no CTB, dados de *como assim* com material adicional entre *como* e *assim*. Uma pesquisa futura, com dados mais antigos do português, pode contribuir com essa questão.

No que se refere às leituras veiculadas por *como assim*, os dados encontrados nas nossas buscas mostraram o uso de três das leituras hipotizadas pelo estudo de Guessier *et al* (2020): causa, incredulidade e elucidativa. Não foram encontradas ocorrências de *como assim* com leitura de motivação. Nossa perspectiva é que a leitura

de motivação possa ser algo mais recente para a história de *como assim*. Dessa forma, parece-nos interessante que sejam realizadas novas buscas, em outros *corpora*, em especial *corpora* baseados em conversas espontâneas, para termos uma resposta clara o caso da leitura de motivação.

As ocorrências de *como assim* encontradas com as buscas do CTB revelaram que as três leituras encontradas no PB se verificam a partir do século XVIII¹⁵, o que sugere não haver momentos em que uma ou outra leitura de *como assim* é privilegiada, ou seja, não parece ser o caso em que uma leitura possa ser derivada da outra. Por fim, nossas buscas não revelaram a existências de leituras para *como assim* diferentes daquelas apontadas no estudo de Guessier *et al* (2020).

Muitas questões emergem do que foi dito neste trabalho e, como dissemos, remetem a buscas adicionais em outros *corpora*. Além disso, um trabalho que nos parece interessante a ser feito é realizar um estudo paralelo sobre o sintagma interrogativo *como*. Acreditamos que *como*, sendo um dos elementos que constituem *como assim*, possa dar pistas sobre o comportamento de *como assim*, seja do ponto de vista interpretativo, seja morfossintático. Tais pesquisas, porém, ficarão para trabalhos futuros. De qualquer forma, com esse trabalho, esperamos ter contribuído para ampliar o conhecimento acerca das estruturas com *como assim* que, ainda que sejam amplamente produzidas, e produzidas há muito tempo, como verificamos com as buscas no CTB, ainda não são muito estudadas.

REFERÊNCIAS

ABOH, Enoch O., (1998) **From the Syntax of Gungbe to the Grammar of Gbe**, Doctoral Dissertation, University of Geneva.

AULAS do curso: **Forma, função e processamento do foco**. Realização de UFRJ Rio de Janeiro: PPGL, 2021.

BELLETTI, Adriana. 2004. Aspects of the low IP area. In L. Rizzi (ed.) **The Structure of IP and CP. The Cartography of Syntactic Structures**. Oxford University Press.

BONAN, Caterina. From northern Italian to Asian wh-in situ: a theory of low focus movement. **Isogloss. Open Journal Of Romance Linguistics**, [S.L.], v. 7, p. 1-59, 23 mar. 2021. Universitat Autònoma de Barcelona.
<http://dx.doi.org/10.5565/rev/isogloss.108>.

¹⁵ É importante relembrar que as outras leituras encontradas nos séculos anteriores se referem ao PE.

BRAGA, M. L.; KATO, M. A.; MIOTO, C. As construções qu- no Português Brasileiro falado: relativas, clivadas e interrogativas. In: CASTILHO, A.; KATO, M. A.; NASCIMENTO, M. (Org.). **Gramática do Português Culto Falado**. v. III. Campinas: Editora da Unicamp, 2009, p. 241-294.

CINQUE, Guglielmo; RIZZI, Luigi. The cartography of syntactic structures. **CISCL Working Papers on Language and Cognition**, v. 2, p. 43-59, 2008.

COLLINS, Chris. **Why and how come**. MIT Working Papers in Linguistics, v. 15, p. 31-45, 1991.

CYRINO, Sonia. Mudança sintática no português brasileiro: a perda de predicados complexos. In LOBO, T., CARNEIRO, Z., SOLEDADE, J., ALMEIDA, A., and RIBEIRO, S., orgs. **Rosae: linguística histórica, história das línguas e outras histórias** [online]. Salvador: EDUFBA, 2012, pp. 137-160. ISBN 978-85-232-1230-8. Available from SciELO Books

DAYAL, Veneeta. **Questions**. Oxford: Oxford University Press, 2016.

FIGUEIREDO SILVA, Maria C.; GROLLA, Elaine. Some syntactic and pragmatic aspects of WH-in-situ in Brazilian Portuguese. In: KATO, Mary Aizawa; ORDÓÑEZ, Francisco (org.). **The morphosyntax of portuguese and spanish in Latin America**. 1ed, v. 1. Oxford: p. 259-285, 2016.

FRANÇA, Aniela Improta; OLIVEIRA, Fernando Lúcio de; MAIA, Marcus. **Processamento de interrogativas-QU em Português Brasileiro**: evidências de eyetracking e eeg. *Letras de Hoje*, Rio de Janeiro, v. 53, n. 1, p. 24, 5 jun. 2018. EDIPUCRS. <http://dx.doi.org/10.15448/1984-7726.2018.1.29040>.

GROLLA, Elaine. **Sobre a aquisição de QU in situ em português brasileiro**. *DELTA*, 2005, v. 21, n. 1, p. 57-73

GALVES, Charlotte. **A língua das caravelas: periodização do português europeu e origem do português brasileiro**. In: (...) Descrição, história e aquisição do português brasileiro. Campinas: Pontes, 2007.

GALVES, Charlotte. **O corpus tycho brahe um corpus sintaticamente anotado do português histórico**. Vitória da Conquista: Revista Rbba, v. 8, n. 1, jul. 2019.

GALVES, Charlotte; ANDRADE, AROLDÓ Leal de; and FARIA, Pablo (2017, December). *Tycho Brahe Parsed Corpus of Historical Portuguese*. URL: [texts/psd.zip](https://github.com/tycho-brahe).

GALVES, Charlotte; KATO, Mary; ROBERTS, Ian. 2019. **Português brasileiro**. Uma segunda viagem diacrônica. Campinas. Editora da Unicamp. 357p. ISBN 978-85-268-1485-1.

GUESSER, Simone. Complementizador, cartografia e o português brasileiro: uma introdução. In: QUAREZEMIN, Sandra; TESCARI NETO, Aquiles. **A sintaxe do português brasileiro em perspectiva cartográfica**. Campinas: Pontes Editores, 2020. p. 7-257.

GUESSER, Simone; QUAREZEMIN, Sandra. **Focalização, cartografia e sentenças clivadas do português brasileiro**. Revista Linguística / Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Volume 9, número 1, Junho de 2013. ISSN 1808-835X 1.
[<http://www.lettras.ufrj.br/poslinguistica/revistalinguistica>]

GUESSER, Simone. (2007). **Soggetto Nullo e Focalizzazione del Soggetto in Portoghese Brasiliano**. 115f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Ciscl, Università di Siena, Siena, Itália.

GUESSER, Simone. **La sintassi delle frasi cleft in portoghese brasiliano**. Siena: Università degli Studi di Siena, 2011. 190f. Tese (Doutorado em Informática, Lógica Matemática e Ciências Cognitivas) – Scuola di dottorato in Informatica, Logica Matematica e Scienze Cognitive, Facoltà di Lettere e Filosofia, Università di Siena, Siena, 2007.

GUESSER, Simone; KÉDOCHIM, Flore; SOUSA, Raquel. **Perguntas com sintagmas - Wh adverbiais altos, cartografia e o caso das interrogativas com como assim em PB**. Revista Linguística, Rio de Janeiro, v. 15, n. 3, p. 88-117, set. 2019.

GUESSER, Simone; MEDEIROS, Lorrane; KÉDOCHIM, Flore; SOUSA, Raquel. **Sobre as leituras de como assim em português brasileiro**. Revista Letras, Curitiba, v. 101, p. 144-177, jan. 2020. Semestral.

KATO, Mary Aizawa. & RIBEIRO, I. **Cleft sentences from old Portuguese to Modern Brazilian Portuguese**. In: DUFTER, Andreas; JACOB, Daniel. (ed.). Focus and Background in Romance Languages. 2009.

KATO, Mary A.; MIOTO, Carlos. **A multi-evidence study of European and Brazilian wh questions**. In: KEPSEK, S.; REIS, M. Linguistic evidence: empirical, theoretical and computational perspectives. Berlin & New York: Mouton De Gruyter, 2005. p. 307- 328.

KATO, Mary A.; RAPOSO, E. **European and Brazilian word order: questions, focus and topic constructions**. In: PARODI, C.; QUICOLI, A.C.; SALTARELLI, M.; ZUBIZARRETA, M.L. (org.). Aspects of romance linguistics. Washington: Georgetown U. Press, 1996. p. 267-278.

KATO, Mary A., O Português Brasileiro: uma língua de movimento-wh opcional?. In: QUAREZEMIN, Sandra; TESCARI NETO, Aquiles. **A sintaxe do português brasileiro em perspectiva cartográfica**. Campinas: Pontes Editores, 2020. p. 73-88.

KATO, Mary A.; RIBEIRO, I. **A evolução das estruturas clivadas no português brasileiro**. In: LOBO, Tânia; RIBEIRO, Ilza; CARNEIRO, Zenaide; ALMEIDA, Norma. (org.). Para a História do Português Brasileiro. v. 6: A experiência dos grupos de estudo. Salvador: EDUFBA, 2007, v.Tomo I, p. 165-182.

LESSA-DE-OLIVEIRA, Adriana S. C., **Aquisição de constituintes-Qu em dois dialetos do Português Brasileiro**. Tese (Doutorado em Linguística) - UNICAMP, 2003.

LOPES-ROSSI, Mary. A. **A Sintaxe Diacrônica das Interrogativas-Q do Português**. Tese (Doutorado em Linguística) - UNICAMP, 1996.

LOPES-ROSSI, Maria Garcia. Estudo diacrônico sobre as interrogativas do português no Brasil. In: ROBERTS, Ian; KATO, Mary A.. **Português brasileiro: uma viagem diacrônica**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2018. Cap. 12. p. 241-266.

MAIA, Marcus. **Efeito da lacuna preenchida e plausibilidade semântica no processamento de frases em português brasileiro**. Cadernos de Letras da Uff- Dossiê: Anáfora e correferência: temas, teorias e mé, Niterói, n. 49, p. 23-46, 2014.

MIOTO, Carlos. **Dossiê a periferia esquerda no português do Brasil**. Curitiba: Editora da Ufpr, 2001. 139 p

MIOTO, Carlos; KATO, Mary A.. **As interrogativas Q do Português Europeu e do Português Brasileiro atuais**. Revista da Abralín, v. 4, n. 12, p. 176-196, dez. 2005.

MIOTO, Carlos. **As interrogações no português brasileiro e o critério-WH**. Letras de Hoje, n. 96, p. 19-33, 1994.

MIOTO, Carlos. **Sobre o sistema CP no português brasileiro**. Revista Letras, Curitiba, v. 56, 97-139, 2001.

MIOTO, Carlos. **Focalização e quantificação**. Revista Letras, Curitiba, v. 61, 169-189, 2003.

PAIXÃO DE SOUSA, M.C. **O Corpus Tycho Brahe: contribuições para as humanidades digitais no Brasil**, Filologia e Linguística Portuguesa, v. 16 n. esp, p. 53-93, 2014.

RIZZI, L. BOCCI, G. **The left periphery of the clause – primarily illustrated for Italian**. In: EVERAERI, M; VAN RIEMSDIJK, H. C (ed.). Blackwell companion to Syntax, II edition. New Jersey: Wiley – Blackwell, 2017.

RIZZI, Luigi. **The fine structure of the left periphery**. In: HAEGEMAN, Liliane (Ed.). Elements of grammar. Handbook in generative syntax. Dordrecht: Kluwer, 1997. p. 281-337.

RIZZI, L. On the Position of Interrogative in the Left Periphery of the Clause. In : CINQUE, G.; SALVI, G. (ed.). **Current studies in Italian syntax: essays offered to Lorenzo Renzi**. Amsterdam: Elsevier North-Holland, 2001. p. 287-296.

QUAREZEMIN, Sandra. **Estratégias de focalização no português brasileiro: uma abordagem cartográfica**. 2009. 198 f. Tese (Doutorado) - Curso de Pós- Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

SILVA, Rosa Virgínia Mattos e. **Orientações atuais da linguística histórica brasileira**. D.E.L.T.A, Bahia, v. 15, nº especial, p. 147-166, 1999.

SOUSA, Maria Clara Paixão de. *Linguística Histórica. Introdução Às Ciências da Linguagem: LINGUAGEM, HISTÓRIA E CONHECIMENTO*, São Paulo, p. 11-48., 2006.

SOUSA, Raquel Santos de. **COMO ASSIM MIRATIVO EM PB::** uma investigação cartográfica. 2018. 66 f. TCC (Graduação) - Curso de Letras, Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, 2018.

ZWICKY, Ann; ZWICKY, Arnold. **How come and what for.** In: ELIOT, D. (Ed.). *Working papers in linguistics*. Ohio State University: n. 8, p. 923-933, 1973.